

ORGANIZAÇÃO: CARLA BAIENSE

O CASARÃO



UM CASARÃO DE MUITAS HISTÓRIAS



IACS



2018

ORGANIZAÇÃO: CARLA BAIENSE

O CASARÃO 

**UM CASARÃO
DE MUITAS HISTÓRIAS**

IACS

NITERÓI

2018

Expediente

Organização: Carla Baiense

Capa: Diego Andrade

Projeto gráfico: Diego Andrade

Diagramação: Ubirajara Leal, Diego Andrade

Gráfica: UFF

Reportagem: Alex Oliveira, Aline Azevedo, Barbara Queiroz, Bruna Leite, Bruna Rodrigues, Caroline Krause, Gabrielle Fonseca, Jéssica Azevedo Rocha dos Santos, Jessyca Fonseca, Joana Pereira, Maria Eduarda Gouveia, Mariana Moebus, Matheus Deccache, Matheus Plastino, Matheus Wesley, Ricardo Faria, Roberto Accioly, Sasha Lima, Thatiane de Almeida, Thaís Gesteira, Thaís Marques, Victor Gabry

Monitor O Casarão: Alex Oliveira

Revisão: Flávia Clemente

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Baiense, Carla.

Um casarão de muitas histórias / Organização: Carla Baiense.

– Niterói: UFF/IACS, 2018.

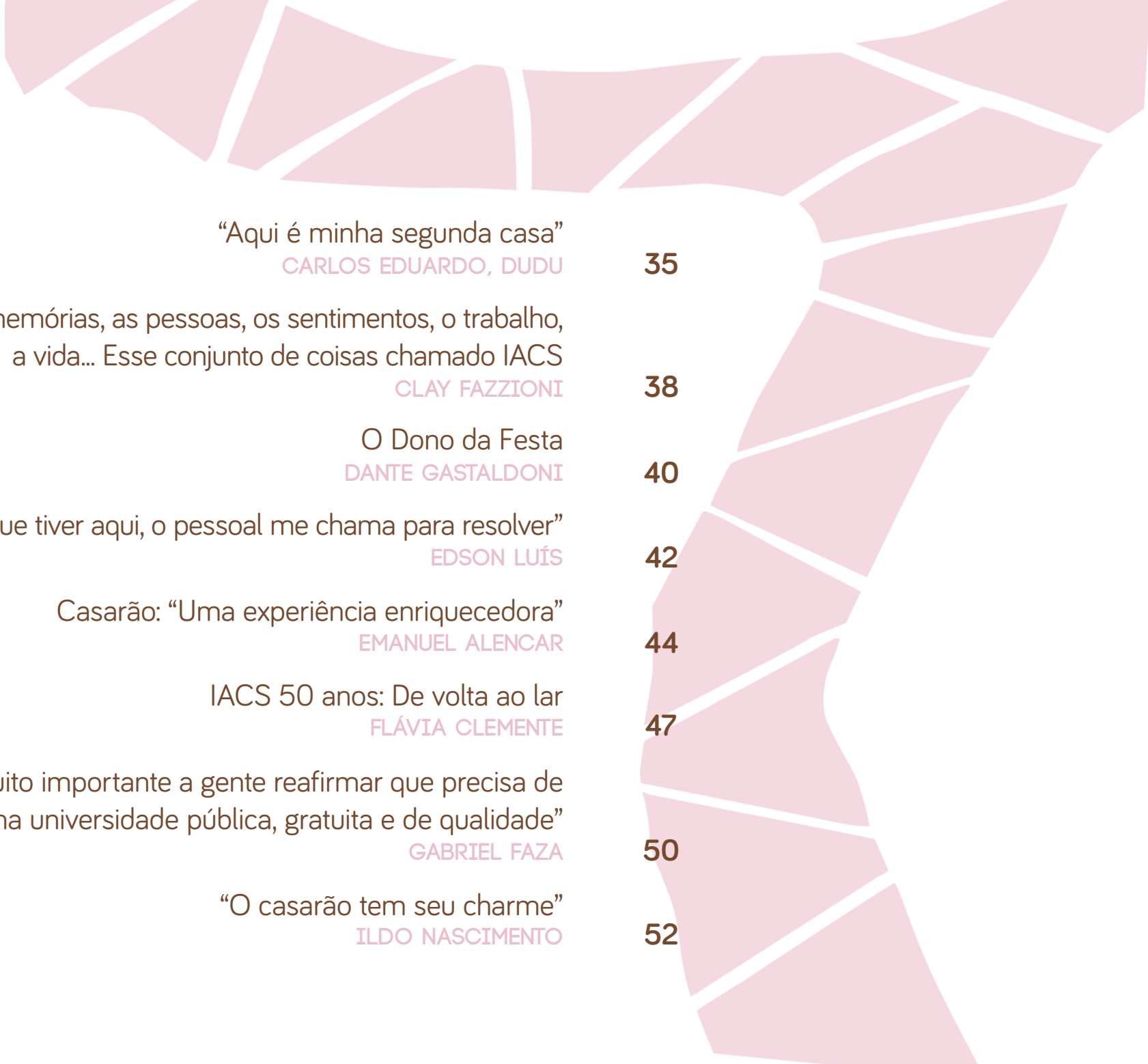
80 p. il.; 20 cm.

1. 50 anos do IACS. 2. Memória universitária. I. Baiense, Carla. II. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Um casarão de muitas histórias.



SUMÁRIO

Prólogo	06
Apresentação	07
Era uma casa encantada...	08
Homenageados 50 anos - IACS/Cine Arte UFF	22
Crônica: <i>Uma estória ao longo da História</i>	24
“Não podemos esquecer que a UFF é uma Universidade Pública, e uma Universidade Pública sempre tem que ter o compromisso de uma formação de qualidade” ANA BAUMWORCEL	26
“Tenho uma conexão forte com o IACS” ANA ENNE	28
“O casarão me abriu horizontes” CARLA BAIENSE	32



“Aqui é minha segunda casa” CARLOS EDUARDO, DUDU	35
As memórias, as pessoas, os sentimentos, o trabalho, a vida... Esse conjunto de coisas chamado IACS CLAY FAZZIONI	38
O Dono da Festa DANTE GASTALDONI	40
”Tudo que tiver aqui, o pessoal me chama para resolver” EDSON LUÍS	42
Casarão: “Uma experiência enriquecedora” EMANUEL ALENCAR	44
IACS 50 anos: De volta ao lar FLÁVIA CLEMENTE	47
“É muito importante a gente reafirmar que precisa de uma universidade pública, gratuita e de qualidade” GABRIEL FAZA	50
“O casarão tem seu charme” ILDO NASCIMENTO	52



“Criei laços com o IACS”

IOHANNA TOMÉ

54

“O casarão sempre foi um espaço muito acolhedor”

JAQUELINE DEISTER

57

Ao mestre, com carinho

JOÃO BATISTA

60

“Os tempos se misturam na minha cabeça”

KLEBER MENDONÇA

62

1.000 km entre o sonho e a realidade

RENAN SANCHES

64

Mais do que black power: “Estava com a cabeça diferente”

SPARTAKUS SANTIAGO

66

“Pesquisar memes é coisa séria”

VIKTOR CHAGAS

70

Créditos

73

PRÓLOGO

Em 2018, o Instituto de Arte e Comunicação Social completa 50 anos.

Criado em 15 de março de 1968, pelo reitor Manoel Barreto Netto, em meio à grande reestruturação que tornou a Universidade Federal Fluminense o que é hoje, o IACS, imediatamente, recebeu o curso de Biblioteconomia, que já existia e foi o primeiro a agregar-se ao Instituto.

Já o curso de Comunicação Social foi criado em 25 de setembro do mesmo ano, durante a efervescência cultural e política e com todos os antagonismos da época, com as habilitações Cinema, Publicidade e Jornalismo. No mesmo mês, no dia 12 de setembro, o cineasta e professor Nelson Pereira dos Santos, junto com Fabiano Canosa, Luiz Alberto Sanz, Roberto Duarte e Cosme Alves Neto inaugurariam o Cine Arte UFF, com um discurso que já permitia antever o embrião do novo curso. Ao comemorar os 50 anos, com justiça o Cine Arte UFF passou a se chamar sala Nelson Pereira dos Santos, como forma de homenageá-lo.

Nos primeiros anos, as aulas de Comunicação Social eram no prédio da reitoria, algumas vezes até mesmo em seus jardins. Depois, o IACS passou a ocupar salas no Instituto de Matemática, no campus do Valonguinho. Ao final dos anos 1970, ganhamos nossa casa definitiva, que carinhosamente chamamos de casarão, construção que hoje é indissociável do nosso Instituto.

Ao longo das décadas, o IACS cresceu.

Cresceu em número de cursos de graduação. São nove: Arquivologia; Artes; Biblioteconomia; bacharelado e licenciatura em Cinema; Comunicação Social; Estudos de Mídia; Jornalismo; e Produção Cultural. O Instituto abriga, ainda, seis pós-graduações.

Cresceu também em tamanho: hoje são 138 professores, 60 funcionários e mais de 3.500 alunos de graduação e de pós-graduação.

O IACS é a terceira maior unidade da Universidade, em número de alunos de graduação presencial, e a segunda, em quantidade de cursos oferecidos.

Com orgulho de uma história tão especial e da dimensão que temos hoje, certamente a vocação do IACS é ir além, sem perder a identidade: um casarão movido pelo afeto, pela diversidade, pela liberdade. Um casarão transformador, pelo qual se sucedem gerações de alunos. Ao completar seu jubileu, transparece no Instituto a vontade de ir além. Para a nova sede, no *campus* do Gragoatá, projeto que contempla todas as especialidades que fazem a excelência dos cursos. Para transformações em busca da melhoria do ensino público e gratuito. Para um pensamento coletivo que possa trespassar nossas especificidades.

Chegar aos 50 significa, também, olhar para o futuro com os olhos de quem quer fazer a diferença, juntos.

A direção

APRESENTAÇÃO

Podemos dizer que este livro começou a ser escrito há 50 anos, quando um grupo de professores levou adiante o sonho de juntar, num único espaço, gente disposta a encarar os grandes desafios que se colocavam para a construção de um país justo, democrático e plural. Sob esta perspectiva, o IACS permanece um projeto aberto, até que se consolide a utopia de um Brasil em que todos se sintam em casa.

Mas neste pequeno espaço, da rua Lara Vilela, muito se construiu neste sentido e são estas pequenas histórias que reunimos neste volume. Ouvimos alunos, ex-alunos, professores, técnicos, todos que, de alguma forma, acompanharam as transformações do país a partir deste ponto de vista particular, neste lugar de resistência. Não pretendemos, portanto, contar uma história definitiva dos 50 anos do Instituto, coisa que nem combina com sua própria natureza mutante, mas lembrar, a partir de fragmentos de memórias, as histórias que por aqui passaram.

O projeto de um livro de comemorações começa, concretamente, em 2017, com as muitas iniciativas de professores e alunos do curso de Comunicação Social, dispostos a reunir estas memórias espalhadas em fotos, documentos e lembranças pessoais. Sem grandes pretensões, fomos recolhendo, aqui e ali, um pouco deste material, que infelizmente ainda não havia encontrado um repositório único e seguro. As escolhas de personagens e histórias, portanto, obedecem a critérios múltiplos, que vão do afeto à disponibilidade. Aos que não puderam dar seu depoimento, portanto, nos apressamos em

dizer que não se sintam preteridos. Para dar conta de tudo e de todas as pessoas importantes para o instituto seria preciso muito mais que um livro.

Organizamos a obra em dois capítulos. No primeiro, contamos, de forma bem resumida, alguns dos acontecimentos que marcaram os 50 anos do IACS, com o auxílio luxuoso de alguns de seus precursores. Nele também reunimos depoimentos de alunos que mais tarde retornaram à casa como professores e que são a memória viva de nossa existência. Na segunda parte, trazemos um compilado de entrevistas realizadas ao longo do último ano, em disciplinas dos cursos de Comunicação Social e de Jornalismo. As escolhas dos personagens foram feitas pelos próprios alunos, e não refletem, como dissemos, uma hierarquia de valores, mas tão somente a curiosidade dos próprios estudantes diante da infinidade de pessoas que construíram o instituto.

Pretendemos que esta obra contribua para o projeto de resgate e preservação da história do instituto. Diante dos frágeis suportes digitais aos quais confiamos nossa memória e história, um livro impresso materializa o desejo de não deixar morrer os sonhos que aqui se depositaram. Desejamos, ainda, que possa servir de referência para o estudo e pesquisa sobre o período que abarca, diante dos muitos acontecimentos que marcaram os últimos 50 anos no País. E, por fim, esperamos que possa reforçar os laços afetivos da comunidade com este espaço, para além do pragmatismo que relega à educação a função de reprodução da força de trabalho. Vida longa ao IACS!



ERA UMA CASA ENCANTADA..

Por Matheus Plastino e Jéssica Rocha (*)

O Instituto de Arte e Comunicação Social, IACS, nasceu da necessidade da Universidade Federal Fluminense dizer um basta à censura que assombrava a livre expressão no País. A história da sua criação se relaciona com a de uma outra universidade, a muitos quilômetros de Niterói. Em Brasília, um grupo de jovens atores, roteirista e diretores do Cinema Novo participava da fundação do primeiro curso de Cinema do país, na UNB, inaugurado em 1962. Poucos anos depois, a ditadura já daria os primeiros sinais de arrocho sobre as instituições de ensino superior e não demoraria a alcançar a UNB. O poeta e professor Afonso Henriques Guimaraes Neto era um dos estudantes desta época e testemunhou os efeitos do golpe sobre a utopia de transformação do País a partir da educação.

“Aconteceu o golpe militar de 64 e a UNB começou a levar as primeiras pancadas, já a partir de 1965 e, finalmente, em 1966, levou uma pancada muito forte com a demissão de um monte de professores”, relembra.

Entre os que deixaram a universidade, estava o cineasta Nelson Pereira dos Santos, então diretor do curso de Cinema da UNB, que se demitiu em solidariedade aos colegas. Nelson saiu de Brasília e veio parar em Niterói, mas não veio só. Junto com ele, chegaram professores e muitos outros profissionais de Artes, Fotografia, Pintura, Jornalismo e Propaganda.

Naqueles tempos, a UFF reivindicava a ocupação do prédio do Cassino Icarahy, fechado há muito tempo. Nelson encampou o projeto, como jornalista do Jornal do Brasil. Dessa aproximação entre o cineasta e o reitor Manoel Barreto Netto surgiu a ideia de criar o curso de Comunicação Social, com suas três habilitações – Cinema, Jornalismo e Publicidade e Propaganda –, que iria compor, junto com o curso de Biblioteconomia, o novo Instituto, como lembra a professora Hagar Espanha, primeira diretora do IACS, entre 1968 e 1970. À época, o curso de Cinema era compreendido como uma das especialidades da Comunicação e se tornou bacharelado no início dos anos 2000.

“O Nelson tinha a estrutura montada para o curso de Comunicação Social todo, Jornalismo, Publicidade e Propaganda e o Cinema. E também para a inauguração do cinema

da reitoria, para projetar os filmes lá, para ter lá um cineclube, para os alunos frequentarem, o povo de Niterói frequentar”, explica o professor José Marinho, do Curso de Cinema.

A resolução 43/1968 do Conselho Universitário (CUV) criou, então, de uma só vez, o curso de Comunicação Social com as três habilitações. O currículo básico previa dois anos de uma grade comum, baseada em quatro pilares; política, liberdade, verdade e ética. Entre os professores estavam alguns nomes conhecidos na mídia e nas artes, como o então jornalista da editora Bloch Muniz Sodré e o artista plástico Israel Pedrosa, que criou a logomarca da UFF. Nos bancos escolares, ou em salas de aula improvisadas no gramado da reitoria, sentaram-se alunos que ainda hoje estão na

FOTO: MARIA APARECIDA TORNEIROS



Professor Israel Pedrosa com a turma de Comunicação da UFF na Bienal de Arte em São Paulo (1969)

história do Instituto, como os professores João Batista de Abreu, de Jornalismo, e João Luiz Vieira e Tunico Amancio, de Cinema.

Durante os dois primeiros anos, o Instituto funcionou onde é a Reitoria. Na época, após o processo de desapropriação do prédio (1963-1967), o primeiro arranha céu de Icaraí deixou de ser Hotel Balneário Cassino Icarahy para se tornar sede da reitoria e, provisoriamente, também abrigar o curso de Comunicação Social. Logo após a criação do curso, em dezembro de 1968, o governo publicaria o mais severo dos Atos Institucionais, o de número 5, que suspendia drasticamente as liberdades individuais. O medo e a censura assombravam as universidades.

“De vez em quando alguém sumia, você nem sempre sabia quem estava do seu lado na sala de aula. A gente não pode esquecer esse pano de fundo, porque ele é fundamental para compreender uma porção de coisas”, explica o professor Tunico Amancio.

Nos dez anos seguintes (1969-1979), o curso funcionou no quarto andar e no subsolo do Instituto de Matemática, no campus do Valonguinho. Neste período, o mais violento da ditadura, a contratação de professores era condicionada à emissão de um atestado de ideologia, emitido pelo Dops e garantindo que o professor não respondia a nenhum processo político. Antônio Serra, professor e por duas vezes diretor do Instituto, chegou ao IACS durante este período.

“Aqui, no caso específico [da UFF], isso foi entregue a um professor de odontologia, que era militar, chamado Coronel Almeno, que era o chefe da divisão de segurança e informação. Ele tinha que autorizar a contratação de professores ou tinha que determinar, por exemplo, a demissão, ou então todas as atividades desenvolvidas pelos alunos: reuniões, jornais, festas, tudo tinha que passar por ele”, rememora.

O clima de repressão impactava, sobretudo, o cotidiano das aulas, nas quais a autocensura de professores e alunos tornou-se uma defesa contra o risco de uma delação. Professores e alunos precisavam medir as palavras ante a possibilidade de serem acusados de propaganda ideológica dentro de um espaço que deveria se afirmar como de livre pensamento e expressão.

“A ausência de liberdade era dureza, é muito difícil e ainda mais se reflete de uma maneira muito forte dentro da universidade, muito forte, a gente sabe. Quando me pegava medindo palavras, me dava uma agonia danada, mas eu ficava com medo mesmo. Não é medo não, é aquela coisa assim ‘Afonso preserve o seu espaço, fale tudo mas procure falar de uma forma que você consiga preservar o seu espaço e não corra risco de ser colocado na rua, ou ser preso claro. Era assim”, explica o professor Afonso.

Os alunos também sentiam os efeitos da repressão, com um cotidiano assombrado não apenas pelo cerceamento, mas efetivamente pela possibilidade de privação das liberdades individuais. Uma palavra resumia o sentimento: paranoia.

“A gente entrou como aluno, imagina, ficamos tendo aula, tendo toda aquela paranoia, todo aquele medo, toda aquela coisa, por que a ditadura era realmente terrível. Para quem não viveu, as pessoas entravam nas escolas, podiam invadir, você estava na rua, se fosse confundido com uma pessoa você podia ser preso”, conta o professor Eduardo Varela, de Publicidade, também egresso do instituto.

Mas talvez o episódio mais emblemático do que se experimentava nas universidades tenha sido a formatura da

turma de 1975, da qual faziam parte os professores João Batista e Dante Gastaldonti. Diante da homenagem ao jornalista Vladimir Herzog, proposta pelo convite, os órgãos de segurança da ditadura vetaram a realização da cerimônia.

Após o período mais violento da ditadura militar, o casarão de número 126 da Rua Prof. Lara Vilela tornou-se o endereço oficial dos até então cursos de Arquivologia, criado pelo professor José Pedro Esposel em 1978, Biblioteconomia e Comunicação Social. O casarão histórico fica no bairro de São Domingos, em Niterói, e foi erguido como residência do Cônsul da Grécia em 1840. Em 1926, passou a ser uma instituição de ensino privado. Quando o colégio fechou as portas, em 1968, o imóvel foi incorporado ao patrimônio da União. No ano de 1969, a Faculdade Fluminense de Filosofia – já pertencente à Universidade Federal Fluminense – instalou-se no espaço, e em 1970, para lá se mudaram os cursos de Ciências Humanas e Filosofia. Só em 1979 passa a sediar o Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense.

“A gente entrou como aluno, imagina, ficamos tendo aula, tendo toda aquela paranoia, todo aquele medo, toda aquela coisa, por que a ditadura era realmente terrível. Para quem não viveu, as pessoas entravam nas escolas, podiam invadir, você tava na rua, se fosse confundido com uma pessoa você podia ser preso.”

Professor Eduardo Varela

O casarão antes de ser IACS

Por Ricardo Faria

A história do IACS está intimamente ligada ao célebre casarão rosa, o nº126 da Rua Professor Lara Vilela, no bairro de São Domingos. Antes de ser IACS, porém, o edifício era o Colégio Bittencourt Silva, fundado por Francisco Bittencourt Silva em 1926. Para entender como foi criado o colégio, é necessário recuar ao final do século XIX. Nessa época, fazendeiros do interior do estado cediam espaços nas suas propriedades para que professores ensinassem os seus filhos a ler. Um desses professores, João Brasil, neto de escravos, se impressionou com o jovem Francisco Bittencourt Silva numa fazenda em Macuco, no interior do estado do Rio de Janeiro. Convenceu-o a se tornar seu assistente e lecionar no Colégio Brasil, no vizinho município de Cordeiro. Quando João Brasil fundou a filial do Colégio Brasil em Niterói, nomeou Francisco como vice-diretor da instituição.

Em 1926, Francisco Bittencourt Silva comprou o casarão para a instalação da seção masculina de sua própria instituição de ensino, o Gymnasio Bittencourt Silva. Ao lado do solar, o sobrado servia de residência ao diretor. Francisco anexou o prédio nº17 da Rua Tiradentes, sede atual da Faculdade de Direito da UFF, e lá funcionavam o internato e seção feminina do ginásio. Os imortais da Academia Brasileira de Letras Marcos Almir Madeira e Antonio Carlos Callado, assim como os prefeitos de Niterói Dalmo Oberlaender, Emilio Abunahman e José Pitombo, foram alguns de seus notórios alunos. No início dos anos 1940, os colégios passaram a ter ginásio, científico e clássico, e o Gymnasio Bittencourt Silva mudou de nome para Colégio Bittencourt Silva. Nessa época, o setor feminino e o internato foram vendidos e o Colégio passaria a funcionar apenas no casarão.

Segundo Renato Bittencourt Silva, neto do diretor do colégio e professor aposentado de arquitetura da UFF, a paixão do avô pela educação era maior do que os interesses financeiros. “A minha avó, Regina de Aguiar, era professora de Português e geria as finanças do colégio, pois o meu avô não ligava muito para o dinheiro e permitia que muitos alunos pobres estudassem gratuitamente”.

Francisco dedicou-se à sua paixão até quase o fim da sua vida. No final dos anos 1960, porém, a idade avançada pesou na decisão de vender o terreno para a União. Renato revelou que seu pai, Luiz Cesar, desejava muito a criação de uma faculdade de cinema naquele lugar. A venda acabaria por se consumir em 1969.

Euclides da Silva, motorista da família Bittencourt por muitos anos, permaneceu como funcionário mesmo após a venda do imóvel para a União. O professor Antonio Serra explica: “O senhor Euclides era motorista do diretor do colégio. Tinha sido escravo, foi libertado e veio trabalhar aqui. Depois ele pôde construir a casa dele atrás do IACS. O filho dele, Luiz, trabalha aqui até hoje”.



Fachada do IACS nos anos 80

FOTO: ACERVO DA INSTITUIÇÃO

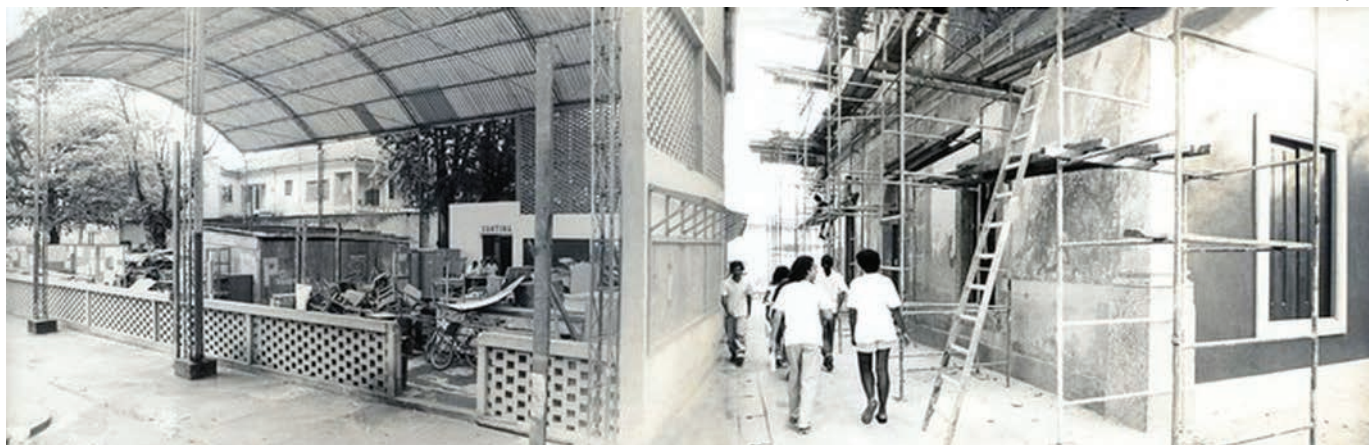
A ideia da união dos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia, ambos do Departamento de Ciência da Informação, com o curso de Comunicação Social, nas suas habilitações Cinema, Jornalismo e Publicidade, na mesma unidade, era de aumentar o acesso aos diversos domínios da Comunicação Social. A integração da produção comunicativa com a documentação histórica representou uma latente resistência à violação do direito de expressão promovido pela ditadura civil-militar. Esse espectro assombrava, mas também servia de motivação nas salas, mesas de bares, laboratórios e estúdios, para o corpo acadêmico do Instituto.

Com a vitória do movimento anti-ditatorial, a previsão do tempo começava a indicar sol nos jornais. E no mesmo ano em que a anistia foi assinada, o IACS passou a ter uma sede oficial e abriu uma nova página em sua história.

“...Construímos um novo currículo para o curso de Comunicação - exigência do MEC (na época a gente já acordava dando bom-dia ao Ministério - tínhamos que obedecer!). Não eram tempos fáceis, mas já começávamos a respirar os ares da abertura “lenta e gradual” iniciada no governo anterior. Assim, pudemos trazer de volta professores que tinham sido expulsos da universidade por motivos políticos”, conta a professora Ana Maria Lopes Pereira.

Em tempos de repressão, os campi pelo qual o IACS passou respiravam resistência. Passada a pior fase do regime, funcionários, alunos e professores se defrontavam com a missão de construir um espaço que se afirmasse enquanto política positiva e não mais resistente ao regime. Espaço, equipamentos e reformas transformaram a realidade do Instituto.

FOTO: ACERVO DA INSTITUIÇÃO



A “morte” da quadra em 1992

Na nova sede, as reformas foram realizadas. O bar deu lugar a salas modernas, os departamentos se construíram de forma cada vez mais autônoma. Para os curiosos, a “praia” do IACS surgiu em 2004, em uma instalação do curso de Produção Cultural e da direção do instituto. A quadra deu lugar a um anfiteatro temático com direito a cadeiras de praia, areia e um calçadão. É possível ver as modificações através do documentário “A Praia é Aqui”, disponível no Youtube.

Hoje, o casarão abriga nove cursos de graduação, seis de pós e muitos produtos e projetos que se destacam dentro e fora da universidade. Um dos precursores foi o Balaio In-

FOTO: ACERVO DA INSTITUIÇÃO



A Praia do IACS

comum, do professor Moacy Cirne, que foi homenageado, na ocasião de seu falecimento, ao dar seu nome à sala C-100. O Balaio foi um dos marcos da resistência no IACS. Com sua poesia erótica e sua bandeira democrática, o zine e seu criador fizeram história no Instituto, com inesquecíveis “balaçadas”.

“...Construímos um novo currículo para o curso de Comunicação - exigência do MEC (na época a gente já acordava dando bom-dia ao Ministério - tínhamos que obedecer!). Não eram tempos fáceis, mas já começávamos a respirar os ares da abertura “lenta e gradual” iniciada no governo anterior. Assim, pudemos trazer de volta professores que tinham sido expulsos da universidade por motivos políticos.”

Professora Ana Maria Lopes Pereira

A história do casarão rosa, no entanto, também acompanha a história de Niterói. Em 2010, em um abril de fortes chuvas, a cidade foi marcada por deslizamentos que soterraram milhares de famílias. A tragédia até hoje tem reflexos nas populações mais pobres, especialmente dos desabrigados do Morro do Bumba. No IACS, as mesmas chuvas danificaram o prédio do bloco D, onde ficavam os almoxarifados, estúdios e ilhas de edição. A praia deu lugar a contêineres e equipamentos foram perdidos pelo desabamento. Além disso, parte da memória e do acervo do Instituto foram danificados.

Deslizamento

Por Bruna Leite

Em abril de 2010, o estado do Rio de Janeiro sofreu com fortes chuvas que causaram prejuízos por toda parte. Nesse cenário, nem as universidades conseguiram escapar. O Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS) sofreu com um deslizamento de terra que obrigou a paralisação de suas atividades durante algumas semanas. O incidente soterrou parte do bloco D do unidade, onde funcionava o almoxarifado do curso de cinema, os laboratórios de rádio, produção audiovisual e as ilhas de edição de conteúdo. A laje do bloco anexo também teve danos: parte sofreu infiltrações e outra parte desabou.

“Era uma situação que estava detectada já, há muito tempo”, diz o ex-diretor do instituto Antônio Serra. Segundo ele, durante a sua segunda gestão, que terminou em 2005, o terreno do IACS já havia passado por inspeção sobre a sua situação estrutural. No laudo, foi constatada a necessidade de instalação de uma estrutura de escoramento do

morro atrás do instituto. A solicitação de obra foi feita pela direção do IACS, mas devido à falta de verba, a contenção não foi executada.

No campus da Escola de Engenharia, Praia Vermelha, também havia essa preocupação: o “Morro do Gragoatá” ameaçava desabar. Contudo, apesar da situação das duas encostas ser bastante semelhante, só foram tomadas medidas preventivas na Praia Vermelha, que acabou por suportar a vinda das enxurradas.

Após o desastre, o instituto paralisou as aulas por algumas semanas para a limpeza e a reorganização do local, a fim de garantir mais segurança para os alunos e professores e possibilitar a reativação das atividades nos demais prédios. Como solução provisória, a universidade instalou módulos de contêineres que substituiriam as áreas perdidas enquanto a reforma do bloco anexo era realizada. Esses se fixaram na região da “praia” do IACS.

Segundo Serra, o risco de desabamentos já não ronda os muros do IACS. Entretanto, a antiga avaliação, feita pela empresa de engenharia em 2005, não espelha mais a estrutura habitacional que cresceu nas vizinhanças do instituto.



FOTO: ACERVO DA INSTITUIÇÃO

Chegada do contêiner, em 2011, que serviu como sala de aula durante alguns anos

Até 2012, o casarão tinha promessas de outro destino. Com a expansão dos cursos e a transferência do IACS para o campus do Gragoatá. Mas as obras até hoje não foram concluídas e o TCU já investigava suspeitas de superfatura-

mento. O inchaço nos cursos, a falta de salas de aula, muitas sem sequer laboratórios ou equipamentos adequados para a graduação, e a falta de assistência estudantil transformaram o novo prédio no campus num local de disputas.



FOTO: BRUNA LEITE

As obras do novo IACS, iniciadas em 2008, não chegaram a ser concluídas

Patrimônio Público Incerto

Por Victor Gabry

No terreno localizado ao lado da Biblioteca Central do Gragoatá, de frente para a Baía de Guanabara, o mato se destaca. A grama que se estende pelo relevo começa a subir construção adentro e despontar em meio às fendas dos prédios do novo IACS. Do lado de fora do canteiro, placas nos mantêm informados sobre os valores e dados da obra. Em meados de 2018, a nova sede do Instituto, que já começara a ser idealizado em 1985, assiste outro por do sol com as portas fechadas.

“Em 50 anos, com 10 de obra, não temos o prédio”, lamento o professor João Luiz Leocadio, que ingressou na universidade em 1984. Os 10 anos de obra, a serem “comemorados” este ano, não refletem os mais de 30 anos de planejamento.

“O programa MEC-BID era destinado às universidades do Norte e Nordeste, que eram as mais necessitadas, e o então reitor da UFF, o prof. José Raymundo Martins Romeo, conseguiu inserir a UFF nesse meio”, relembra o ex-diretor do Instituto de Arte e Comunicação Social, Antonio Serra.

O programa, realizado entre o MEC e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, teve três edições antes que o então presidente, José Sarney, declarasse a morató-ria e os investimentos estrangeiros voltassem seus olhos para outros cantos do mundo. Durante o período de planejamento para um possível quarto MEC-BID fizeram-se os primeiros esboços do projeto do novo IACS.

O plano era arrojado. O Instituto nascera em 1968 e em 1979 passou a ser abrigado no casarão da Rua Professor Lara Vilela, hoje chamado “Casarão Rosa”. Porém, não pararia de crescer. Os cursos foram se multiplicando. Atualmente, são nove graduações e seis pós-graduações.

“Para amenizar o problema, nós fizemos obras no antigo prédio. Inclusive eu participei de uma reunião com o Kleber [Mendonça] e a Flávia [Clemente] (atuais diretor e vice-diretora do instituto) a respeito de espaços na Ufasa para o IACS, em virtude de toda essa demanda”, declarou Jailton Gonçalves, pró-reitor de Planejamento, ao conceder entrevista sobre o novo prédio. “Essa estrutura foi dimensionada com a possibilidade de que as pessoas pudessem colocar seus ideais nessa arquitetura. O caso do IACS, especificamente, é um modelo de construção modular”.

O modelo de construção modular, como apontado pelo pró-reitor, já havia sido pensado nos esperançosos tempos do MEC-BID IV. Na época, o IACS dividia espaço com o Núcleo Audiovisual da UFF (NAV) no Casarão Rosa, que pela natureza das atividades foi pouco a pouco incorporado ao instituto. Os mais diversos cursos e a demanda por espaços específicos de laboratórios exigiam que o novo IACS tivesse uma infra-estrutura singular.

Seguiram-se ao MEC-BID IV tempos incertos para a universidade pública e para o Brasil. A chamada “década perdida” teve impacto no campo político e nas verbas destinadas ao crescimento das instituições. A eleição do presidente Lula, em 2003, e o lançamento do Reuni, em 24 de abril de 2007, trouxeram de volta a esperança de o Instituto de Arte e Comunicação Social ter o seu prédio às margens da Baía de Guanabara.

“Quando o Reuni começou, marcaram uma reunião, os diretores e colegiados das unidades receberiam uma “aula” sobre o programa, para então submeterem os planos e conseguirem a verba. Foi quando eu falei “vamos inverter a situação”, e quando o funcionário do Reuni apareceu, nós desengavetamos o projeto antigo e falamos o que queríamos. Fomos recebidos com um sorriso. ‘Vocês são a primeira universidade que sabe o que quer’, nos disseram” – conta Leocádio.

Seis diretrizes nortearam o programa: Redução das taxas de evasão, ampliação da mobilidade estudantil, revisão da estrutura acadêmica, diversificação das modalidades de graduação, ampliação da política de inclusão e articulação entre a graduação, pós-graduação e educação básica. O novo espaço projetado para o IACS compreendia todas elas. A facilidade de comunicação entre os departamentos do próprio instituto e a proximidade com os demais prédios e departamentos, além da Biblioteca Central do Gragoatá, das quadras poliesportivas da universidade e do restaurante universitário proporcionavam uma boa argumentação.

O projeto foi aprovado e começaram as etapas de construção. Uma comissão de obras constituída pelo Instituto ficaria responsável pelo levantamento das necessidades espaciais que os cursos demandavam. Em sua composição encontravam-se alunos, professores e técnicos administrativos. Eles foram responsáveis pela formulação do projeto modular em 15 blocos, mais uma sala de exposição, somando no total 7.900 m² e 70 ambientes, entre salas administrativas, salas de aula e laboratórios.

A Comissão Mista de Orçamento, no entanto, que incluía membros do Reuni e do Conselho da UFF, aprovou o projeto em duas etapas. O primeiro, em 2009, contava com 9 dos 15 blocos e mais uma sala de exposições. Neste conjunto, que somaria 4.900 m², estavam garantidos todos os laboratórios – agora dentro dos muros do Gragoatá. A segunda etapa, a ser contratada em 2010, nunca ocorreu. Nela estariam contemplados o anfiteatro (previsto com 140 lugares), o Diretório Acadêmico, bem como os demais blocos, somando os restantes 3.300 m². O projeto atual é um Frankenstein dos últimos dois. Onze blocos a serem entregues, mais a sala de exposição – a primeira etapa mais um, como descreveram alguns dos alunos. O que espera os alunos por trás dos tapumes é um conjunto de 5.300 m² de sonhos interrompidos.



FOTO: BRUNA LEITE

FOTO: BRUNA LEITE

O movimento de ocupação do novo IACS, quando os alunos ocuparam os esqueletos dos blocos prometidos para a transferência para o Gragoatá, foi realizado durante a calorada, por estudantes, em 31 de agosto de 2016, período em que se instalava o golpe parlamentar, com Temer assumindo a presidência. Não foi a primeira vez que os estudantes ocupavam a universidade, mas foi a primeira ocupação dentro de uma obra inacabada. A experiência de reinventar o território onde se aprende deu outros formatos e discussões para aulas que passaram a conviver com a ocupação. O movimento reinventou o processo de acordos coletivos, fortaleceu as reuniões e assembleias e as relações entre cursos.

O período de ocupação durou pouco mais de um mês e trouxe a promessa de retomada das obras. Ainda assim, não durou muito para a educação sofrer grandes ameaças com

o governo de Michel Temer. Frente à votação da PEC 241, ou como ficou conhecida PEC do teto de gastos, estudantes retomaram a ocupação como forma de resistência. Dessa vez, o IACS ocupou a própria casa, na Lara Vilela. A ocupação do casarão também paralisou as aulas e fez surgirem cozinha e dormitórios em espaços improvisados. O governo de Michel Temer aprovou o congelamento por 20 anos (até 2036) de todos os investimentos em saúde e educação e outros serviços básicos, nublando as perspectivas da conclusão da obra que comportaria o tamanho atual do Instituto.

Transformada na Emenda Constitucional 95/2016, em 15 de dezembro de 2016, a medida instituiu um novo regime fiscal, limitando o crescimento das despesas do governo, nos três poderes, além do Ministério Público e da Defensoria Pública. O texto estabelece que os órgãos só poderão gastar o

FOTO: AMANDA MARCOS / OCUPA NOVO IACS



FOTO: BRUNA LEITE



mesmo valor do ano anterior, corrigido pela inflação. Se descumprirem o teto estabelecido, serão impedidos de, no ano seguinte, realizar despesas como ajuste de salários, contratação de pessoal, realização de concursos públicos e criação de novas despesas, até que retornem ao limite pré-estabelecido.

Duros tempos marcaram a história do IACS, na resistência contra a ditadura em que nascemos. Hoje, em períodos sombrios para a política nacional, que seja renovada a nossa capacidade de resistência. E que venham mais 50 anos!

(*) *Jéssica Rocha entrevistou as fontes para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso "IACS: 50 Anos de Comunicação: Áudio documentário sobre a história do Instituto de Arte e Comunicação Social e o do curso de Comunicação Social na UFF", sob orientação do Prof. Dr. João Batista de Abreu Jr.*



FOTOS: AMANDA MARCOS / OCUPA NOVO IACS





FOTO: ALINE MORAIS

Esposel, gestão transparente marca novos tempos

Este foi um ano em que nos despedimos de nomes importantes para a história do nosso Instituto. Além do fundador do curso de Comunicação Social, Nelson Pereira dos Santos, que nos deixou em abril de 2018, perdemos em julho o professor José Pedro Pinto Esposel, que dirigiu o IACS entre 1979 e 1983.

De espírito pioneiro, Esposel criou a graduação em Arquivologia da UFF e o curso de pós-graduação em Organização, Planejamento e Direção de Arquivos, nos tempos em que a pós-graduação dava os primeiros passos. Como diretor do Instituto de Arte e Comunicação Social, assumiu a missão de buscar nova dinâmica de gestão, baseada na transparências administrativa, na liberdade de expressão e no estímulo à criação e reflexão acadêmicas.

Querido por toda a nossa comunidade, Esposel pode ser colocado no rol dos gestores que transformaram o IACS no que somos hoje. As palavras do professor João Batista de Abreu, por ocasião do falecimento do ex-diretor, demonstram essa importância: “Justamente quando comemoramos o cinquentenário do curso, morre outro destes heróis anônimos da resistência. O professor José Pedro Esposel assumiu a direção do IACS em 1979, no ano da anistia que fez o País respirar ares menos sufocantes. Qual Fênix, Esposel ajudou o Instituto a ressurgir das cinzas da delação e dos tempos obscuros que assombraram primeiro o Valonguinho e depois o casarão da Rua Lara Vilela. Assim como meu colega e amigo Eduardo Varela, tornei-me professor da UFF nessa época. Certamente eu não estaria aqui se Esposel não tivesse aberto as portas do IACS a um Brasil sem medo dos desafios e das contradições do conhecimento. Que Esposel voe para bons espaços”.

O professor João Luiz Vieira lembra de Esposel, então diretor, trajando um smoking para cumprir o papel de mestre de cerimônias na legendária pré-estreia de *O segredo da múmia*, de Ivan Cardoso. Para João Luiz, “Esposel entendeu bem o espírito paródico de tudo aquilo, entrou na onda e no palco do Cine Arte UFF, acompanhado da então aluna de cinema Denise Pereira (hoje servidora na Interartes), vestida de “egípcia” e servindo balas bonequinho”.

O professor Antonio Serra, diretor do Instituto em duas gestões, ressalta as qualidades de Esposel, ao “exercer a direção do IACS com firmeza, transparência e diálogo, pois contou com a confiança e o respeito de todos. Ele teve papel fundamental na “virada de página” na vida do IACS, promovendo um clima de distensão para o Instituto se livrar daquele período tão difícil de perseguições. Esposel promoveu uma assembleia geral que ficou famosa, quando todos puderam pôr para fora as críticas, mágoas e acusações. Eu não estava no casarão naquele tempo e só retornei no final da gestão dele”. Serra complementa: “Podemos, portanto, dizer que, além de sua atuação na área de Arquivologia, ele foi um dos principais responsáveis por devolver ao IACS a dignidade e o reconhecimento que haviam sido gravemente comprometidos durante os anos de ditadura. Isso foi capital para que essa escola pudesse se integrar melhor à UFF. Quem exerceu posteriormente a direção sabe muito bem o significado dessa mudança e muitos ficaram na memória com aquele “rito de passagem” que Esposel organizou e presidiu splendidamente”.

Fica aqui a homenagem a um dos nossos docentes transformadores, responsáveis por nosso DNA!

Homenageados 50 anos

IACS/CINE ARTE UFF

Afonso Henriques de Guimaraes Neto

Alceste Pinheiro

Alexander Vancelotti

Ana Baumworcel

Aníbal Francisco Alves Bragança

Antonio Serra

Breno Kupperman

Clay Fazzioni de Melo

Dante Gastaldoni

Denis Roberto Villas Boas de Moraes

Denise Cataldo

Fabiano Canosa

Gilberto Schmutz Gouma

Hagar Espanha

Hélio Jorge Pereira de Carvalho

Hernani Heffner

João Alt

João Batista de Abreu Jr.

João Luiz Vieira

Jorge Ricardo Freund

José Carlos Monteiro

José Joffily

José Marinho

José Maurício Saldanha Alvarez

Júlio César de Souza Tavares

Lucia Maria Pereira Bravo

Luiz Alberto Sanz

Luiz Augusto Rodrigues

Luiz Guilherme de Barros Falcão Vergara

Luiz Mendonça

Luiz Sergio de Oliveira

Marialva Carlos Barbosa

Marina Bay Frydberg

Maurício de Cypriano

Miguel Furtado Freire da Silva

Muniz Sodré

Nilson Lage

Paulo Máttar

Pierre Georges Gabriel Crapez

Roberto Moura

Rosa Benevento

Rosental Calmon Alves

Sérgio Costa de Magalhães Santeiro

Sônia Aguiar

Sylvia Moretzsohn

Tania Conceição Clemente de Souza

Wallace de Deus Barbosa

In Memoriam

Professores

Departamento de Arte (GAT)

Fernando Barreto
Israel Pedrosa
Levy Menezes
Lia Braz da Cunha Tovar
Wagner Morgan de Almeida

Departamento de Ciência da Informação (GCI)

Dyrse Barreto Taveira
José Pedro Pinto Esposel
Maria Odila Kahl Fonseca

Departamento de Comunicação Social (GCO)

Álvaro Sobral Barcelos
Antonio Theodoro de Magalhães Barros
Antonio Sérgio da Silva Rodrigues (Francis)
Carlos de Araújo Alves
Davide da Conceição Mota
Gustavo Lyra
Helio de Almeida Fernandes
Jomar Torres Redon
José Maria Campos Nascimento
Manoel Mattos

Merival Julio Lopes

Moacy da Costa Cirne

Nuno Linhares Velloso

Sergio Ubiratan Werneck Pereira

Wolney Lessa Redon

Helio Valadão

Departamento de Cinema e Vídeo (GCV)

Antonio Carlos Abreu Tavares

Gustavo Dahl

Hilda Machado

José Alberto Nobre Porto

José Carlos de Araújo

José Carlos Avellar

Mauro Duque Estrada Moderno

Nelson Pereira dos Santos

Roberto Duarte de Castro

Sergio Renato Víctor Villela

Funcionários

Euclides José da Silva

José César Palmeira (Seu Zé)

José Marques da Silva

José Rodrigues Torres

Maria da Penha Bahia da Silva e Silva

Oscar Teixeira

UMA ESTÓRIA AO LONGO DA HISTÓRIA

Por João Batista de Abreu

A vida prega peças na gente, muito mais do que uma telenovela ou filme, seja ele comédia ou terror. A vida é uma obra aberta, com roteiro entrecortado e cheia de tramas paralelas. O fim, bem, este a gente só fica sabendo no capítulo final.

Curiosamente a vida não depende de audiência para se tornar interessante a nossos olhos ou daqueles que nos cercam. Cada capítulo tem certa independência, como uma minissérie. Pode narrar três tramas simultaneamente que só se encontram no final, como nos filmes de Tarantino.

Dos 64 capítulos de minha vida, 42 tiveram a UFF e Niterói como pano de fundo. Um cenário repleto de mudanças ao longo do tempo que se eternizaram na memória. Quando cheguei ao Instituto de Matemática, em 1972, no Valonguinho, onde funcionava na época o Instituto de Arte e Comunicação Social, meu personagem era um estudante de 17 anos, recém-saído de um colégio particular de padres. Tinha decidido pegar a barca e atravessar a Baía de Guanabara – ainda não havia a ponte – para escapar da barra pesada que recaía sobre as universidades

do lado de cá, por causa da repressão da ditadura. Em Niterói sopravam ventos mais amenos.

As botas da repressão só atravessaram de vez a Baía em 1973, quando o Ministério da Educação, então comandado por um coronel do Exército, pôs o bico na UFF e impôs outro coronel do Exército como reitor. Tratava-se de um professor do Instituto de Matemática. Aos poucos as equações foram-se tornando mais difíceis e o número de incógnitas, cada vez maior. Os ventos se tornaram tormentos e a Universidade mergulhou na escuridão. Um filme de terror começava a ser produzido, com dinheiro público.

A formatura de minha turma, em dezembro de 1975, não pôde acontecer porque nenhum colégio ou instituição profissional de Niterói topou enfrentar os órgãos de repressão e ceder o auditório para a solenidade. Também, quem mandou provocar os generais? Uma audácia escolher como patrono logo o pensador católico Alceu Amoroso Lima, que denunciava as torturas em sua coluna semanal do *Jornal do Brasil*; como paraninfo o professor de Filosofia Carlos Henrique Escobar, preso algumas vezes ao longo do curso, e homenagear o jornalista Vladimir

Herzog, torturado e morto dois meses antes, nos porões do DOI-Codi, em São Paulo. O filme de terror ganhava forma e conteúdo, mas levaria muito tempo para ser exibido ao grande público por causa da censura.

Em 1980, meses após a anistia, ventos amenos voltam a soprar sobre a Baía de Guanabara e trazem consigo novos roteiros, plenos de alegria e esperança. Os filmes de ação ganham corpo e iniciam um tempo de reconstrução da universidade e do cinema chamado Brasil.

Nesta época, aquele personagem de 17 anos do início do filme cederia lugar a um jovem jornalista e professor, de 26 anos, que acreditava na possibilidade de representar novos papéis numa sociedade mais aberta e que começa a reconquistar a liberdade. São 38 capítulos, com mais aventuras do que dramas, porém sem deixar de ter uma pitada de comédia. Afinal, assim como os roteiros, a vida precisa de humor para se tornar atraente.

No apagar das luzes da tela, no entanto, o Cinema Brasil sente-se ameaçado por uma nova escuridão. Uma escuridão que traz facetas assustadoras, porque travestida de anseio popular, assim como nos filmes épicos que varreram a Europa nos anos 30 do século passado. Roteiros que causaram a morte de 50 milhões de figurantes.

É curioso pensar nas peças que a vida prega na gente. Quando entrei na UFF meu personagem era um aluno que tentava driblar a ditadura. Agora, quando saio de cena 46 anos depois, não sei a estenose não mais me

deixa driblar a insensatez e a ignorância. Uma coisa é certa. Cabe aos novos roteiristas escrever suas histórias e driblar a escuridão. É preciso guardar no bolso os maus pensamentos e editar novas ideias. Atores certamente não faltarão.

Dedicado a

*Pedro Aguiar e Rachel Bertol, dois dos novos roteiristas
Eduardo Varela, ex-aluno e professor da UFF,
que me deu a ideia deste texto*



“Não podemos esquecer que a UFF é uma Universidade Pública, e uma Universidade Pública sempre tem que ter o compromisso de uma formação de qualidade”

Por Alex Oliveira

Formada em jornalismo pela UFRJ, mestra e doutora pela UFF, Ana Baumworcel é pesquisadora de mídia sonora e professora de Radiojornalismo há mais de 30 anos no Departamento de Comunicação Social da UFF, onde se dedicou a projetos de extensão e pesquisa com o intuito de aprimorar a educação radiofônica na universidade. Na entrevista concedida para O Casarão, Ana Baumworcel, ou Ana Baum, como é conhecida, relata como foi lecionar todo este tempo no IACS, as dificuldades enfrentadas e as conquistas obtidas com os alunos. Prestes a se aposentar, Ana Baum se sente agradecida pelo carinho recebido pela comunidade acadêmica e deixa uma mensagem sobre a função da universidade pública e a missão da UFF.



Qual foi o seu primeiro contato com o IACS?

A.B.: Foi como professora de rádio, isso já tem pouco mais de 30 anos. Eu passei metade da minha vida na UFF, então é uma universidade importante para mim. Nesse tempo eu fiquei voltada para as disciplinas de rádio, pois é a minha grande paixão.

Naquela época, como era a estrutura do casarão? E como eram realizadas as aulas de rádio?

A.B.: Eu me lembro que um tempo eu tinha apenas o quadro e o giz na mão, e o estúdio era precário. Me lembro que, em 1996, eu criei o projeto Universi-

dade no Ar, que foi um marco da minha trajetória na UFF, pois ele trouxe uma outra qualidade de ensino de rádio na UFF. Este projeto está há 22 anos no ar e começou na Rádio MEC e agora está na Rádio CBN. Ele foi bastante importante para os alunos, pelo motivo da veiculação do material preparado da sala de aula em uma rádio de grande audiência, além da criação de um estímulo para os estudantes, para mostrar para o que eles estão aprendendo na universidade.

E como foi a conquista do nosso estúdio de rádio?

A.B.: Foi muito importante. Eu me lembro que teve uma época em que houve uma chuva terrível e o estúdio ficou alagado. Lembro que tivemos que dar aula dentro de um contêiner de obra, e em outros momentos dentro da Rádio MEC. Foram muitos percalços que eu passei com os alunos para poder viabilizar as aulas de rádio e é muito bacana que hoje tenhamos este estúdio legal na UFF.

Nestes anos de docência no IACS, descreva uma das lembranças em que você tenha afeto.

A.B.: Eu fiquei muito feliz todas as vezes que eu fui convidada pelos alunos para ser patronesse e quando fui homenageada pelas turmas, por que eu acho que não existe nada mais bacana para um professor do que o reconhecimento do seu trabalho pelos alunos, isso me emociona muito. Eu sempre fui uma professora que

procurei ouvir os alunos e trazer uma dinâmica de diálogo para as aulas.

“Não existe nada mais bacana para um professor do que o reconhecimento do seu trabalho pelos alunos, isso me emociona muito.”

Qual mensagem você gostaria de deixar para a comunidade acadêmica nesses 50 anos?

A.B.: Não podemos esquecer que a UFF é uma universidade pública, e uma universidade pública sempre tem que ter o compromisso de uma formação de qualidade, crítica, criativa e competente, de um profissional que possa não só entrar no mercado, mas também criar alternativas a esse mercado. Essa função da universidade pública é a mensagem que eu deixo para a comunidade acadêmica pelos próximos 50 e 100 anos. Não vamos esquecer que a Universidade Federal Fluminense é uma universidade pública e com isso nós temos que zelar pelo compromisso desta universidade com educação de qualidade e gratuita para a população, essa é a missão desta universidade, e é isso que a gente tem que estar valorizando, assim como o vínculo do ensino, pesquisa e extensão. Eu vou ficar com saudades do IACS, principalmente do carinho dos alunos, mas eu deixo o meu carinho aí para esses alunos queridos.

“Tenho uma conexão forte com o IACS”

Por Thatiane Araciro (*)

Coordenadora do programa de pós-graduação em Cultura e Territorialidade, que ajudou a fundar, Ana Lucia Enne é, também, professora do Departamento de Estudos Culturais e Mídia. Ela chegou ao casarão antes mesmo da existência do curso de Estudos de Mídia, hoje consolidado por meio do excelente trabalho realizado por ela e colegas. Em um encontro repleto de lembranças, Ana contou como é fazer parte da transformação física, social e política do IACS.



Quais suas primeiras impressões em relação ao Instituto? Considerando que veio de uma universidade particular (PUC), sentiu diferenças em relação às instalações, ensino?

A.E.: Primeiro, deixa eu observar uma coisa: Eu estudei na PUC, fiz jornalismo lá, mas estudei História aqui na UFF. Não me formei, mas estudei por longos sete anos. Só que não era aqui no IACS, era lá no Gragoatá. Quando eu comecei a estudar aqui era lá no Valonguinho ainda, antes da construção do Plaza [shopping], e depois mudou para o Gragoatá. Então, eu não conhecia o IACS. Eu tinha vindo nesse lugar do casarão rosa umas três vezes até eu trabalhar aqui: duas para ver eventos, e uma porque eu fiz um concurso de professora substituta. Então, eu não tive nenhuma proximidade. Eu vim para cá em 2003, faz 14 anos agora. Vim como bolsista de pós-doutorado. Estudos de Mídia nem existia ainda. Quando eu vim para cá, estranhei muito. Tinha dado aula em quatro faculdades particulares, tinha uma outra vivência. Quando cheguei aqui eu estranhei, mas ao mesmo tempo fiquei fascinada por esse universo colorido, alegre, poético, meio iconoclasta do IACS. Ao mesmo tempo não sabia

lidar totalmente no início com as regras e convenções, então ficava muito quietinha no começo, observando. Eu tenho pessoalmente uma história forte com o IACS: meu avô trabalhou aqui, quando aqui era o Colégio Bittencourt Silva, antes disso aqui ser o Instituto de Arte e Comunicação Social da UFF. Era um colégio, onde minha mãe estudou e meu avô foi professor. E os professores, quando vinham para cá do interior - meu avô veio de Sumidouro - e não eram casados, moravam abrigados temporariamente pelo dono do colégio, professor Bittencourt, em um dormitório que ele tinha aqui, exatamente onde é o Departamento de Mídia. E eu sempre senti uma energia muito grande. Eu não conhecia esse avô, mas dizem que eu sou parecida em algumas coisas com ele, então eu acho que isso me conectou muito rapidamente. Quando minha mãe me contou isso, eu falei: "Mãe, eu gosto tanto de ficar lá no IACS. Me sinto bem, tenho uma conexão forte". E ela disse "Sabia que seu avô deu aula e morou lá?". Então meu avô, que tinha uma formação meio híbrida, tem uma história de atravessamento aqui. Então também isso me juntou ao IACS fortemente.

Você tem alguma lembrança sobre a criação do curso de Estudos de Mídia?

A.E.: Quando eu cheguei, o Departamento de Estudos Culturais e Mídia já tinha sido criado. Então eu não peguei esse processo. Segundo eu soube, ele resulta realmente de uma diferença de perspectiva em torno das práticas e teorias do pessoal de Comunicação (Jornalismo e Publicidade), que tinha uma pegada mais prática, mer-

cadológica; e o pessoal mais teórico, mais ligado à Pós-Graduação. O curso de Estudos de Mídia foi criado em 2005, eu já era professora aqui e eu fiz concurso exatamente nesse ano, então eu passei oficialmente para a UFF em 2005, tomei posse em 12 de janeiro de 2006. Então eu quando vim dar aula aqui originalmente ainda era um curso de Comunicação. Eu dei História da Comunicação, História da Imprensa, Televisão e Poder, Oficina de Texto, para Jornalismo e Cinema. Então eu peguei o processo, mas eu não acompanhei esse "rolo" antigo. Tem um mito de origem em torno das dissidências, mas eu já "peguei" o curso em andamento.

Quais os diferenciais do curso de Estudos de Mídia para os cursos de Comunicação?

A.E.: O grande diferencial que eu sinto é porque ele é um curso mais ligado às perspectivas de Estudos Culturais. Tem gente que vai dizer que ele tem uma parte mais ligada a coisas mais modernas, mas eu acho tudo uma bobagem. Sinceramente, não acho que é isso que diferencia. Eu acho que o que diferencia é que nossa abordagem é mais de estudos culturais. E a nossa grade, exatamente por essa flexibilização em torno dos estudos culturais, que são muito transdisciplinares, é mais flexível. A gente tem muita optativa. Embora eu esteja em curso relacionado à área de Comunicação, eu dou disciplinas como: Cultura Popular, Cultura do Consumo, Mídia e Construção da Realidade. Essa perspectiva mais atravessada que eu acho que é o diferencial, mas no fundo todo mundo é meio parecido.

Todo mundo está pensando a Comunicação, as novas mídias e tal. Todo mundo é instituto, todo mundo é IACS.

Quais mudanças e transformações você observou no instituto durante os anos que esteve aqui?

A.E.: Primeiro deixa eu fazer uma observação: Eu acho que a gente passou por um processo forte com o Reuni para o bem e para o mal de expansão da universidade. A gente teve expansão do número de alunos, a gente teve expansão de um tipo de aluno, no sentido de você incorporar, através das cotas, através das vagas de Sisu, alunos que eram até então muito excluídos da universidade, então isso tudo eu vi. A gente teve uma leva forte de compra de equipamentos, teve uma injeção de dinheiro. O IACS, esse estúdio, várias coisas aqui são resultado disso. Ao mesmo tempo, a gente ficou a ver navios quando isso foi interrompido, primeiro dentro ainda do governo do PT, com o fim do programa do Reuni. Então a construção do novo IACS, o prédio novo, é um pouco resultado disso. Não sei porque o dinheiro foi acabando. Mas ao mesmo tempo, eu acho que a gente teve perdas. A universidade cresceu muito e não acompanhou como deveria na qualidade de seus equipamentos, da sua instalação. Mas ao mesmo tempo sim, nos últimos anos eu percebo uma diversidade maior, uma demanda maior por epistemologias novas, a gente fala mais da questão do feminismo, a questão das raças, a questão das minorias, dos processos de estigmatização. Eu vejo uma mudança muito grande nisso, na universidade. Eu acho que isso acompanha muito fortemente o tipo de aula que eu venho dando. Então

dos últimos anos para cá, eu tenho convidado muita gente de fora da universidade para falar porque eu acho que a gente hoje está muito mais próximo, pelo menos no campo do que eu percebo, dessa perspectiva dos estudos culturais, de quebrar aquelas barreiras tradicionais da universidade, torre de marfim, centro de excelência, um mundo lá fora, onde as pessoas vivem, acho que hoje está se embaralhando muito. Isso se deve ao meu ver a uma demanda e uma guerrilha mesmo do novo aluno que emergiu aí nessa mudança.

Sobre a criação da pós-graduação em Cultura e Territorialidades, que você criou, poderia falar como foi essa criação?

A.E.: Não foi uma criação só minha. A criação da pós (que tenho muito orgulho) PPCult que eu estou coordenando agora, está no seu quinto ano e tenho um profundo admiração e orgulho pelo PPCult, ele é filho um pouco dessas mudanças porque é uma Pós [graduação] transdisciplinar que tem essa pegada, ela foi criada, as pessoas que se reuniram para criar, eram pessoas que já vinham de outras graduações à parte e onde elas se sentiam um pouco tolhidas por estarem trabalhando de forma mais esquemática mais fechada, queriam testar metodologias novas, epistemologias novas, professores com muita vocação extensionista, que gostam de chamar o fora da universidade, quebrar essa ideia de fora e dentro. Então ela é uma Pós que nasceu desse anseio, como a gente pensa uma Pós? Para sujeitos não muitos tradicionais dentro da universidade, então temos um perfil de aluno, nossos ingressantes, são alunos que quase sempre não estão nos cursos, são alunos que têm tra-

jetórias de cultura popular de movimentos sociais, muitos são oriúndos de lugares tidos como subalternizados economicamente, então a gente tem uma proposta política pedagógica epistemológica de abertura para esses sujeitos, e uma proposta que foi pega um pouco assim no contra pé, porque foi aprovada pela Capes no ano em que acabou o Reuni, então a gente tem uma cota de bolsas baixíssima, para você ter ideia, a gente tem três, quatro bolsas por turma de 20 pessoas, o que não corresponde inclusive ao perfil que precisa de bolsa, ainda assim, a gente é uma pós que é batalhadora, que tem um resultado muito bonito, as nossas citações são muito bonitas, a gente fala que o PPcult é amor e tal, o IACS tem um pouco disso, mas assim, a gente constrói as coisas com muita vontade e muito afeto, eu me orgulho muito desse projeto, acho que ele tem tudo, se ninguém conspirar contra, ele tende a ir muito longe.

E para finalizar, a gente queria saber se você tem uma história engraçada, particular, sobre o que aconteceu aqui com você no instituto ou algum encontro que você considera importante com alunos com outros professores que você gostaria de contar?

A.E.: Bom, então eu vou falar duas coisas. Eu primeiro queria agradecer aos professores mais velhos que me receberam aqui, mais velhos de tempo, de casa. Então queria citar algumas pessoas, pedindo perdão por quem eu possa esquecer, que me receberam muito bem aqui, alguns já aposentados, alguns até já falecidos. Queria agradecer: Marialva Barbosa, Dênis de Morais, Alceste Pinheiro, Latuf

Isaias Mucci, Anibal Bragança, foram professores que me receberam quando eu estava chegando aqui e de certa maneira me acalentaram, me abriram caminho aqui nesse sentido. Então a primeira coisa eu queria agradecer. Mas minha maior lembrança do IACS falando aqui, é a sala C-100. Eu dei muita aula na sala C-100, eu sou a professora conhecida porque eu encho muitas salas, minhas turmas são muito cheias, motivo de muito orgulho também acho que tem a ver com a maneira como me relaciono com a sala de aula, e eu dava muita aula na sala 100 porque era a sala que cabia, e eu tive turmas com 90 pessoas, 85 pessoas, 87 pessoas e minha maior recordação do IACS que vou guardar para o resto da vida mesmo quando eu estiver aposentadinha, velhinha, era aquela sala 100 lotada e muitos alunos falavam disso também, com gente sentada na janela, gente assistindo à aula de fora da janela, então assim, sala 100 é muito amor.

E só para finalizar eu queria dar parabéns para a gestão atual, Kleber Mendonça e Flávia Clemente pelo seu esforço de fazer, não só conduzir um instituto que não é uma coisa simples, mas fazer essa comemoração do jeito que eles estão fazendo, de forma plural, procurando ouvir todo mundo e particularmente eu queria agradecer e dizer fiquei muito honrada por eles terem colocado a bandeira LGBT no símbolo dos 50 anos do IACS [criado pelo professor Ildo Nascimento]. Acho que essa é uma das bandeiras fortes do IACS e me orgulho muito do instituto onde estou inserida assumir essa bandeira neste momento político do País.

(*) Decupagem da entrevista realizada no dia 07/11/2017

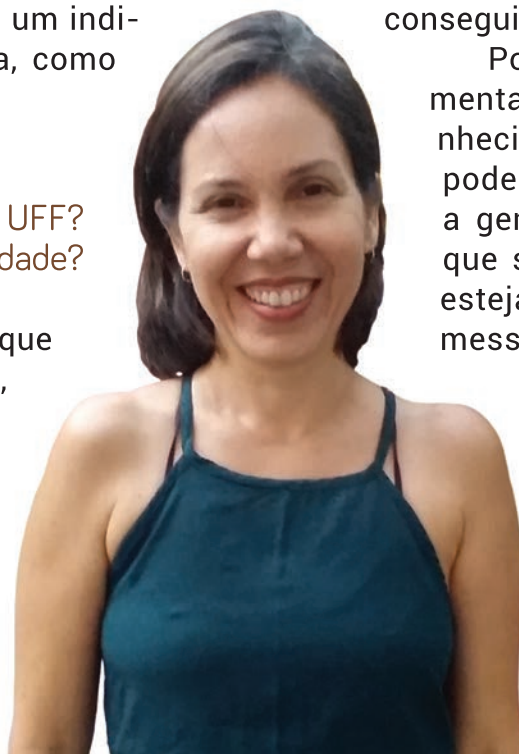
“O casarão me abriu horizontes”

Por Gabrielle Fonseca

Carla Baiense faz parte da história do Instituto de Arte e Comunicação Social da UFF desde 1988, quando entrou na universidade como caloura de jornalismo. Carioca e mareense, ela retornou ao casarão em 2012 como professora, após 20 anos de experiência no mercado. Enxergando cada aluno como um indivíduo único, ela diz que não só ensina, como também aprende com suas turmas.

Como foi o caminho para você chegar à UFF? Foi difícil, sobretudo por vir de uma comunidade?

C.B.: Eu fiz vestibular para ver no que ia dar, tinha 16 anos e, na minha turma, três pessoas fizeram vestibular. Tínhamos consciência de que a nossa educação tinha buracos. Era a realidade das escolas públicas e ainda é. Embora tenha sido muito difícil passar, foi mais difícil me adaptar. Para mim, a UFF era só um lugar distante, mas, na verdade, era mais do que isso, ela abrigava as famílias ricas



da cidade. Era um espaço totalmente adverso, de poder, de exclusão, de elite, que não estava e acho que ainda não está preparado para acolher alunos que vêm de uma outra realidade. Mas eu tive amigos lindos, que vieram do subúrbio do Rio de Janeiro, pessoas com quem eu conseguia me enturmar.

Por outro lado, a universidade foi fundamental, me abriu horizontes, perspectivas. Conheci outras realidades, essas instâncias de poder, de legitimação, de política, de voz. Hoje a gente tem uma universidade mais aberta, que se propõe a ser mais inclusiva, embora esteja longe de conseguir atingir essa promessa. Mas o fato de ter cotas já faz com que esse aluno que chega aqui se sinta menos deslocado. Eu nem falava que era da favela porque eu tinha a impressão, ainda hoje tenho, que se eu dissesse, iria causar um certo distanciamento dos colegas e eu queria me integrar. Também não queria pena de ninguém, mas acho que era muito visível essa diferença. De todo modo, o ambiente do

IACS era muito descontraído. Acho que se eu estivesse num outro curso talvez eu tivesse mais dificuldade de me enturmar. Mas eu não tenho lembranças ruins dessa época não, tenho lembranças boas dos meus colegas, do aprendizado que tive aqui.

Então qual foi seu principal aprendizado na UFF?

C.B.: Quando eu era aluna eu tinha um professor que era maravilhoso, o Theodoro. Ele fazia uma coisa interessantíssima: a gente tinha que ler todo dia uma coluna chamada Informe JB e escolher uma notinha para reescrever em cinco minutos. Eu escrevo até hoje muito rápido e eu devo isso a ele. Nós tínhamos uma produção textual muito intensa no IACS. Como não tínhamos equipamentos, laboratórios, nós trabalhávamos muito com texto. Então, a minha geração escreve muito, escreve bem, escreve rápido.

Em relação aos professores, eu tenho muitas lembranças boas, em particular uma professora que não está mais na UFF, a Marialva. Ela foi minha orientadora, me ensinou uma postura profissional, a olhar para frente e enxergar novos caminhos para a profissão, como a possibilidade de fazer um mestrado.

“Hoje a gente tem uma universidade mais aberta, que se propõe a ser mais inclusiva, embora esteja longe de conseguir atingir essa promessa.”

Em 88, você chegou à UFF como caloura de jornalismo, e em 2012, você retornou como professora – por que a UFF?

C.B.: Não sei, eu acho que a UFF me escolheu (risos). Eu gosto muito do IACS, do corpo docente, então eu fiquei super feliz de voltar. Meus professores ainda estavam aqui quando eu entrei, o Dante, a Ana Baum e o João Batista me receberam com muito carinho. Era como voltar para casa, me senti muito acolhida.

“Eu sou jornalista, professora, mareense e tudo isso me constitui.”

E como foi a sensação de estar do outro lado da sala?

C.B.: É meio esquisito, mas eu acho que depois você acaba se acostumando. A profissão de professor tem uma peculiaridade: você muda de ambiente a cada seis meses. E é bom que mude. Jornalista não gosta de rotina, se gostasse procurava outra profissão, o cara gosta de viver perigosamente. Mas é sempre desafiador esse contato da sala de aula. Eu particularmente gosto de ensinar o que eu sei, gosto de aprender com as pessoas também. Eu não acredito num saber que está de um lado só. Também acho bacana pensar que a gente lida com o futuro. Então, aqui está o futuro. O

futuro do jornalismo, da academia, da sociedade brasileira... Enfim, essa é uma boa motivação para eu vir pra cá toda semana.

“Não temos que jogar nossas histórias fora, elas fazem de nós o que somos”

Você disse que quando chegou aqui tinha receio de dizer de onde veio por conta do ambiente elitizado que encontrou. Hoje você não só assume isso para os seus alunos e amigos, como também leva a comunidade e a favela para os seus estudos e trabalhos. Quando isso mudou?

C.B.: Em 2004, um amigo que também morou na Maré me ligou. Ele era parte de uma ONG chamada CE-ASM, Centro de Estudos e Ações Solidárias na Maré. Ele me chamou para contribuir com o jornal O Cidadão, produzido pela ONG. Em uma reunião de pauta, a Claudia Rose, que era a diretora do CEASM, trouxe um grupo de visitantes para conhecer o jornal. Quando ela entrou, falou: “Aqui estão os repórteres do Cidadão, foram eles que inventaram o termo mareense”, eu fiquei surpresa. Não sabia disso. Eles queriam positivar uma identidade que era ligada a carências múltiplas, à pobreza, violência. O termo servia para que os moradores pudessem interpelar uns aos outros por algo que eles quiseram esconder. Então, eu resolvi fazer um projeto de mestrado contando essa história e perce-

bi o quanto isso era importante, especialmente quando eu ia apresentar meus trabalhos. Imagina eu, classe média, branca, mestranda da UFRJ, falar de favela? As pessoas claramente me olhavam com estranhamento, então eu passei a me apresentar como mareense, explicitando esse laço com a favela. Depois eu vi o quanto isso era importante dentro e fora da academia.

No meu trabalho de mestrado eu coloquei no rodapé que era mareense. A Marialva, que estava na minha banca, falou: “Carla, sai do rodapé!” Eu trouxe isso para minha vida e acho importante, porque eu sei que na universidade hoje existem pessoas como eu, com origens parecidas, e que podem entender que a universidade é um espaço para elas.

De que maneira você tenta fazer com que essas pessoas que se identificam com você, que vieram de uma realidade parecida, saibam justamente que elas podem ser quem elas querem, que são capazes?

C.B.: Sempre que vou na Maré eu gosto de enfatizar: “Eu sou jornalista, professora, mareense e tudo isso me constitui. Não são coisas de outras vidas, não há contradição”. Nas minhas turmas eu não sei quem é cotista. São todos alunos. Então, eu vou trabalhar o que cada um precisa e, na medida do possível, ajudar a se desenvolverem. Não temos que jogar nossas histórias fora, elas fazem de nós o que somos. Mas não acho que essas histórias limitam esses alunos, que elas vão determinar até onde eles podem ir. Elas podem fortalecer.

“Aqui é minha segunda casa”

Por Sasha Lima

Desde os 19 anos trabalhando para a UFF, Carlos Eduardo de Moura Marcellino, o Dudu, vê sua vida na universidade. Dos seus 34 anos de trabalho, são 26 no IACS, sendo os oito primeiros anos em outras áreas da instituição. A timidez do assistente da coordenação de Comunicação Social pode fazê-lo parecer distante, mas os anos de história revelam os laços que construiu no casarão. O amor ao trabalho e o carinho pela instituição são claros ao longo da entrevista. Próximo da aposentadoria, e já sentido uma saudade antecipada, ele deseja a UFF como futuro para seus filhos. “Se conseguissem trabalhar aqui, eu iria gostar muito. Porque isso aqui é minha casa, minha segunda casa”.

Quem é o Carlos Eduardo funcionário da UFF?

C.E.: Eu... Eu sou uma pessoa que nasceu no interior. Fui criado numa cidade pequena, inclusive moro lá até hoje. Eu viajo todos os dias, moro em Rio Bonito. Mas isso aqui pra mim passou a ser minha



vida porque eu gosto bastante do que eu faço. Lidar com gente jovem, né... com a garotada de faculdade, isso me estimula bastante. Eu tenho muito prazer em estar aqui. Já passou muita gente aqui, conhecida inclusive, que depois ficou famosa. Isso é bem legal. Você vê na televisão uma pessoa que estudou aqui, que na época era desconhecida e se tornou uma jornalista famosa... uma atriz famosa. Nós temos casos aqui e isso é muito legal.

Você entrou na UFF para exercer que função?

C.E.: Assistente. Eu entrei na época como datilógrafo e depois fui transferido para assistente de administração, em que eu estou até hoje. Trabalhei primeiro lá no CEG, no Centro de Niterói, ali no Valonguinho, trabalhei na Matemática, depois voltei pro CEG de novo e acabei vindo pra cá.

Antes as aulas do IACS eram lá, certo?

C.E.: Eram, mas eu não cheguei a pegar não. Quando cheguei, o IACS já estava aqui.

O IACS tem sempre um traço novo, uma pessoa nova, uma obra diferente. Como você enxerga esse camaleão onde trabalha e qual a importância das mudanças dentro do IACS?

C.E.: A mudança eu acho que é sempre boa, né? Tudo que vem para o bem... uma das mudanças que eu queria que acontecesse é o IACS novo. Não porque eu não goste daqui, acho que esse prédio tem muita história e tal, mas eu preferia trabalhar lá pela vista da Baía, pelo... acho que o ambiente lá, inclusive de estacionamento, restaurante – o bandeirão – mais próximo, banco... lá vai ficar uma qualidade de trabalho melhor do que aqui.

Algumas das pessoas que passaram pelo instituto voltam como funcionárias. Você acredita que a UFF é uma grande família?

C.E.: Por exemplo, nós, funcionários, técnicos... a gente que vive mais aqui dentro. Aluno é mais passageiro e professor tem um tempo legal, mas eu acho que a gente acaba se tornando uma segunda família. Você convive tanto tempo aqui que acaba tendo esse vínculo mesmo.

Então a relação é muito boa entre os funcionários?

C.E.: É. E com professor também, pelo menos eu, que sou da coordenação, lidei com ex-coordenadores que não tenho o que reclamar, sabe? Todos eles com quem eu trabalhei foram muito bons, muito boas pessoas. O ambiente é diferente de outros lugares onde eu já trabalhei. Ficar aqui é um... como posso te explicar?...é muito mais informal. Aqui

você trabalha de uma maneira mais livre. Trabalha de bermuda, por exemplo. Em outros lugares não podia isso e aqui se tornou normal. Ninguém... inclusive o chefe que eu tinha, que foi coordenador, ele mesmo vinha de bermuda. Na época ele fumava um cachimbo e tal... Eu acho um ambiente muito melhor para se trabalhar. Menos cobranças. Mais liberdade em relação à universidade em geral. Ele (ex-chefe) tinha uma calça que ele guardava aqui e quando ia na Reitoria, colocava a calça (risos). Mas você via que ele só andava de bermuda.

Você acha que existe algum motivo para alunos que estudaram aqui voltarem como funcionários?

C.E.: Ah, eu acho! Acho que o acolhimento das pessoas, do ambiente... faz com que as pessoas queiram trabalhar aqui.

Você lembra da obra da praia? Como a obra movimentou os alunos, funcionários...?

C.E.: Eu achei que ficou ... naquela situação que estava antes, ali tinha uma quadra. Eu cheguei a pegar aquela quadra. Realmente era um espaço morto. A criação da "praia" eu achei muito interessante, porque criou um espaço ali bem mais agradável... inclusive o casarão até apareceu mais para a rua, porque ele era bem escondido. Tinha uma armação de ferro, com telhado, que não dava para aparecer, né? Abriu, além daquela parte ali para poder fazer eventos e tal...criou-se um espaço para as pessoas poderem admirar o prédio, porque o prédio realmente é muito bonito. Ficou mais aberto... eu achei de muita boa ideia aquilo ali.

Tem algum funcionário, alguém que se tornou muito seu amigo e marca esses seus anos aqui?

C.E.: Tem dentre outras pessoas o Clay. Acho que é, aqui dentro do instituto, um funcionário que mais... inclusive ele fez aniversário ontem, fez 70 anos. Ele já era para se aposentar, mas ele...ele é tipo faz tudo aqui. Ele trabalha na direção, mas tudo que a gente precisa, recorre a ele. Da parte de informática, da parte de elétrica... ele ajuda a gente...dá bastante apoio, de tudo que a gente precisar. Ele sempre foi o quebra galho que resolve de tudo. Dentre meus amigos aqui, ele é o meu... faltou palavra agora...que eu me identifico mais.

Quando o IACS não for mais sua rotina qual memória quer levar?

C.E.: [Inspira como quem está emocionado] Ah, eu vou sentir muita falta disso aqui. Hoje.. eu já tenho pensando assim porque se não fosse o trânsito eu nem pensaria em me aposentar tão cedo, mas o que está me estressando mesmo é a viagem. Pego engarrafamento. Porque trabalhar mesmo é... eu gosto bastante de trabalhar. Vou sentir muita saudade daqui, de tudo, né? Do ambiente, da juventude...

Você poderia contar alguma curiosidade que você já passou ou já ouviu daqui?

C.E.: [Pausa tentando buscar na memória] A princípio não. A gente escutava muitas histórias, mas já faz tanto tempo... não estou lembrado. Quando eu vim para

cá... tem a história do coordenador. Ele falava muito alto, as pessoas tinham até medo dele. Professor Alceste... ele era um professor muito bom, mas ele era meio genioso. Tinha uma voz muito forte e os alunos tinham medo (risos). Era muito engraçado. No dia da matrícula chegava um aluno, e o aluno esquecia um lápis, uma caneta... ele esculhambava o aluno. "Não é possível que o aluno vem se inscrever sem trazer uma caneta". Ele falava muito alto, mas era um cara de bom coração. Ele era assim mesmo, inclusive quando vim trabalhar aqui, era ele olhar que dava vontade de fugir, porque ele gritava, ele não falava. Depois quando você vai conhecendo a pessoa, você vai... mas muitos alunos tinham medo dele, do jeito dele. As pessoas se tremiam de medo quando iam ter que falar com ele para resolver algum problema.

Como é o seu relacionamento com os alunos?

C.E.: Tem alunos que são mais chegados à coordenação, que você lida mais e tem alunos que praticamente quase não vêm à coordenação, e você acaba criando vínculo com esses que vêm. Ainda mais agora, né? Agora não, alguns anos com rede social... de vez em quando um ex-aluno te descobre.

O que você acha que pode mudar?

C.E.: Eu queria muito que o IACS fosse para o Graoatá. Essa eu acho que é a maior mudança, que para mim seria mais importante. Mais por segurança e tudo. Para os alunos não terem que sair daqui e ir para lá.

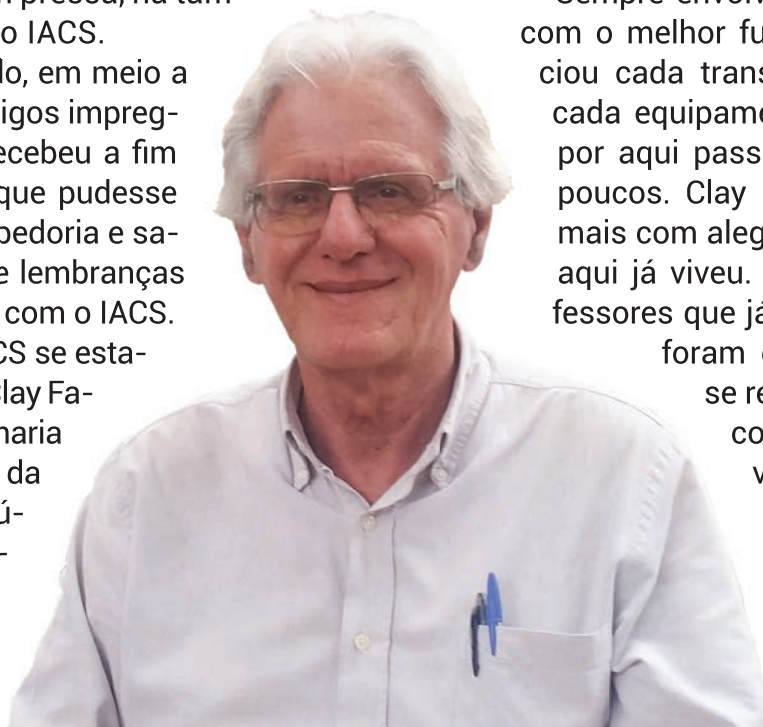
As memórias, as pessoas, os sentimentos, o trabalho, a vida... Esse conjunto de coisas chamado IACS

Por Charles Soares

Ao ver aquele senhor de cabelos brancos e sorriso simpático, andando pelo pátio do Instituto de Arte e Comunicação social, muitos não imaginam que, junto com aqueles passos firmes e sem pressa, há também uma boa parte da história do IACS.

Foi na salinha do almoxarifado, em meio a ferramentas, objetos e móveis antigos impregnados de histórias, que ele me recebeu a fim de fugirmos do barulho externo que pudesse interferir na gravação. Ali, com sabedoria e satisfação, falou do seu trabalho, de lembranças e, sobretudo de seu caso de amor com o IACS.

Nos anos setenta, antes do IACS se estabelecer neste local, aqui já estava Clay Fazzioni de Melo, que cursava engenharia e, a convite de um professor seu da época, viera ajudar no antigo Núcleo de Audiovisual (NAV) que estava sendo criado. Com a chegada do IACS, foi ficando, foi ficando, como ele mesmo diz, e acabou contratado como técnico em



eletrônica. Acabou abandonando o curso de engenharia e nunca mais ingressou em outro curso superior. Por outro lado agrega à sua formação décadas de vivência universitária.

Sempre envolvido com o que faz, comprometido com o melhor funcionamento do casarão, presenciou cada transformação por aqui, cada parede, cada equipamento, cada colega de trabalho que por aqui passou e, que com certeza não foram poucos. Clay não é saudosista, lembra muito mais com alegria do que com saudades tudo que aqui já viveu. As amizades construídas, os professores que já se aposentaram, outros que já se foram dessa vida, os equipamentos que se renovam e ficam obsoletos cada vez com mais frequência... Tudo isso é revivido por ele em poucos instantes e externado em palavras revestidas de ternura, uma ternura própria de quem se sente parte desse lugar, de quem tem um forte sentimento de afeto ao trabalho e à história do IACS.

Responsável pelos laboratórios de informática, fotografia e tantos outros setores, Clay acompanhou a evolução dos equipamentos, buscando sempre se atualizar para não ficar para trás. *“tenho a preocupação de que os alunos saiam daqui com uma boa formação, formação teórica e formação prática, então, não é mais do que minha obrigação me esforçar para que os equipamentos estejam funcionando, que os professores possam usar as mídias novas, os softwares...”*.

“Tenho a preocupação de que os alunos saiam daqui com uma boa formação”

Quando não está no trabalho, Clay gosta de teatro, cinema e literatura, gosta de ler de tudo, é bem eclético, mas ultimamente tem se dedicado a ensaios. Otimista e amante da tecnologia, como membro da comissão de obras, acha que o instituto precisa cada vez mais do novo prédio para atender melhor todos os cursos que estão se expandindo e precisam cada vez mais de espaço para acomodar os equipamentos. Ele acredita que o que vivemos hoje, em termos tecnológicos, é só uma pequena amostra de um futuro que nem conseguimos mensurar. *“essas tecnologias novas que estão chegando aí, esses videogames fantásticos, robótica, inteligência artificial... é fascinante e assustador.”* Hoje é chefe dos laboratórios do IACS. No entanto, quem o conhece e convive com sua

rotina no instituto, sabe que ele é muito mais do que isso. *“a gente acaba sempre invadindo outras áreas, né, pra colaborar com o instituto, a gente acaba se dedicando a colaborar com outras áreas porque sempre precisa.”*

Hoje, aos sessenta e seis anos, com quarenta e sete de serviços prestados, dos quais trinta e sete só no IACS, embora já tenha direito, nem pensa em aposentadoria. Quando questionado ele explica: *“É um caso complicado, diz entre risos, é um caso de gostar mesmo, eu moro aqui perto e isso aqui é minha segunda casa.”* Ele diz que sente prazer em ver as coisas funcionando e sabe que pode contribuir pra isso. Gosta de ver a energia do IACS, a cada semestre uma nova leva de alunos chega, outra vai embora, gosta desse ciclo, dessa renovação de energias.

Entre professores, colegas de trabalho e alunos as opiniões são unânimes. *“Clay é boa gente”*, como ouvi do vigilante na entrada do prédio. Ele faz questão de ajudar, de ser solidário, sem se importar com setor, com função ou coisas do tipo. Renata Abranches é assistente administrativa, trabalha há cinco anos no IACS e trabalha diretamente com ele. Segundo ela, não há quem não goste do Clay. *ele faz tudo com boa vontade, o seu trabalho e a sua vida se misturam, ele não faz distinção. “O Clay é uma das pessoas mais generosas que eu conheci na minha vida, eu nunca vi ninguém com tanto comprometimento com o trabalho, com a ética, ele é um cara muito ético, e ele tem uma função muito grande aqui, não só material como com as pessoas. É um cara muito agregador, ele agrega as pessoas.”* Acrescenta ela, feliz em poder falar do colega.

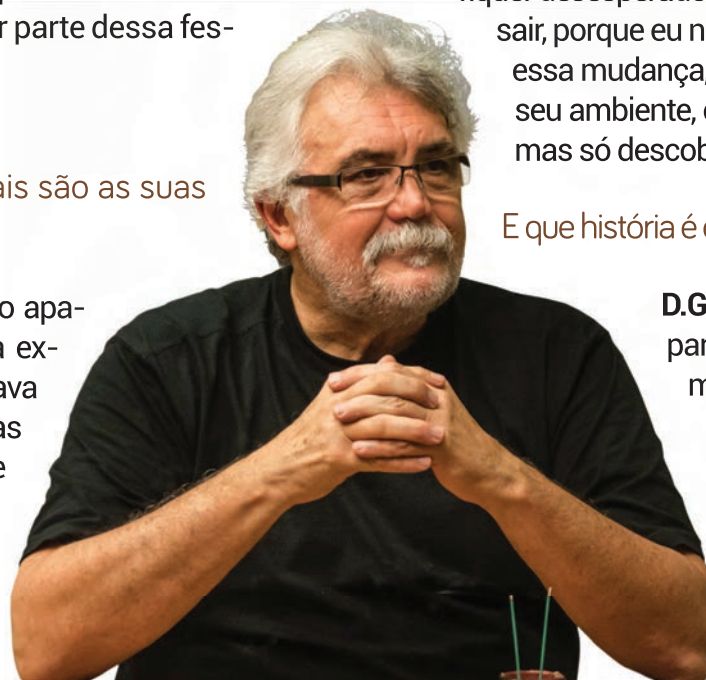
O Dono da Festa

Por Barbara Queiroz

Dante Gastaldoni fez parte de 45 dos 50 anos de existência do Instituto de Arte e Comunicação Social, como um estudante disciplinado que se tornou um professor exigente com os seus alunos e consigo. Nosso encontro aconteceu no auditório Interartes, depois de uma conversa repleta de afeto, na qual contou cronologicamente a sua história como professor e fotógrafo. Num resgate de memórias profundas e marcantes, ele contou, emocionado, episódios de sua história com o IACS e revelou como é fazer parte dessa festa que declarou ser feita para ele.

Qual era o perfil o Dante aluno? Quais são as suas memórias dessa época?

D.G.: O Dante aluno era um misto aparentemente paradoxal de um camarada extremamente estudioso, do tipo que sentava na primeira fila e tomava nota de todas as aulas, com um tremendo "porra louca" de cabelo e barba grandes. E a escola tinha meninas muito bonitas, isso sempre me marcou também (risos). Eu comecei estudando no IACS no Valonguinho e terminei estudando aqui no casarão.



Como foi esse processo de independência do Instituto?

D.G.: A mística do casarão mudou totalmente. O fato de termos o nosso cantinho ajudou a montar uma espécie de éthos. O IACS lá era outra coisa, era um curso deslocado, um curso mais tecnicista. O IACS assumiu essa cara que vocês conhecem quando veio para cá. Quando falaram em sair para o Gragoatá eu fiquei desesperado, eu falei: "eu saio daqui antes do IACS sair, porque eu não vou aguentar". Foi muito importante essa mudança, é como se o IACS se reconhecesse no seu ambiente, como se ele sempre tivesse sido daqui, mas só descobriu isso tempos depois.

E que história é essa de formatura que não aconteceu?

D.G.: Esse momento foi bem marcante para mim porque eu era o orador da turma e eu tinha preparado um discurso, eu estava de terno, tenta imaginar... Cabeludo, barbudo e de terno, com o discurso no bolso do paletó. E o nosso convite de formatura tinha uma homenagem póstuma ao jornalista Vladimir Herzog, que tinha sido assassinado, era só isso, homena-

gem póstuma. Ele tinha morrido naquele ano. A gente começou a perceber que a nossa homenagem no convite estava criando problema, porque a gente não conseguia lugar para se formar, éramos sempre rejeitados. Até que a gente tentou a Associação Fluminense de Imprensa... Não me lembro direito o nome, o João Batista sem dúvidas sabe! E quando nós chegamos lá, havia policiais armados, grossas correntes no portão e um monte de alunos, meninas com vestidos longos... Eu, por exemplo, até hoje tenho, na minha cabeça, gravada, a imagem da Joseane, que era de Belém do Pará, com os pais ao lado dela, vestida num vestido longo de cetim azul, parada no meio da rua, descobrindo ali, naquele momento, que não haveria formatura. Foi muito dolorido e criou problemas. Eu fui descobrir depois que eu estava fichado, eu tive que dar muito nó para desatar essa situação. Foi essa a memória que ficou: a de um discurso que nunca foi proferido e de uma formatura que se dissipou na calçada entre ternos e vestidos longos, e lágrimas. Ficou até bonito assim... (risos)

Que memória você trouxe do Dante aluno para a vida do Dante professor do IACS nessa transição?

D.G.: A memória que eu tenho do Dante aluno para o Dante professor tem um “miolo” aí, porque o Dante aluno já saiu da escola trabalhando no lendário **Jornal do Brasil**, em 1974, como estagiário. E eu me dei conta, muito até por influência do João Batista, que para a gente ser jornalista a gente tinha que entender melhor o mundo em que a gente estava vivendo, para ser um tradutor do mundo. Então, eu voltei para a UFF para fazer o ICHF, estudar Ciências Sociais, Antropologia, Sociologia. E essa volta para a UFF, para aprofundar minha visão de mundo, enquanto eu

já atuava como jornalista, começou a sedimentar a trajetória para o Dante professor. Eu comecei a trabalhar no **Jornal do Brasil** no departamento de educação e aí, num passe de mágica, um dia alguém me disse: “a UFF abriu concurso para professor de fotografia que é a sua cara”. Quando alguém me diz que é a minha cara é porque eu já tava com essa cara! Agora, quando eu cheguei aqui, eu já dava aula há uns 4 anos em universidades particulares, aí eu fui perceber que eu não era um professor, aí eu comecei a burilar em mim aquilo que um dia viria a ser um professor. Aí, eu entendi a real importância da universidade pública quando eu passei para o outro lado, a responsabilidade que você tem. Vocês tiveram aula comigo, vocês sabem como eu sou zeloso, como eu não falto, como eu sou criterioso com as minhas planilhas, porque é o mínimo que você tem que retribuir por estar recebendo dinheiro público para ensinar. Uma coisa é você estar estudando sem pagar, outra coisa é você estar recebendo para ensinar. Mudou tudo. A vida me preparou um pouco para isso, mas no resto da jornada eu precisei criar uma couraça, uma visão de mundo e certa superação de mim mesmo para poder me ver como professor.

Para finalizar, como você resume hoje, já professor aposentado, a sua história com o IACS?

D.G.: O IACS vai comemorar 50 anos, eu tenho 45 aqui dentro (risos), ou seja, essa festa é pra mim! Eu estou começando a descobrir que essa festa é para mim! (risos). O que eu sinto é que se eu pudesse escolher uma palavra eu usaria privilégio. Foi um privilégio estudar aqui, foi um privilégio lecionar aqui, e quando eu me aposentei eu descobri que você sai do IACS, mas o IACS não sai de você.

“Tudo que tiver aqui, o pessoal me chama para resolver”

Por Matheus Wesley

Dos 50 anos do casarão rosa, Edson Luís da Silva participou ativamente de 33. Vindo das ruínas do NAV, onde era Auxiliar Operacional de Serviços Diversos, superou sua própria desconfiança com o novo local de trabalho para se aclimatar e passar interruptamente mais de três décadas como um funcionário que se presta a qualquer serviço dentro do Instituto de Arte e Comunicação Social. Começando pelas atividades de limpeza e depois passando à manutenção, onde está até hoje, se vira de todas as maneiras para driblar a falta de recursos que enfrenta. A relação com o IACS não se limitou a ele – chegando inclusive a ter uma das filhas fazendo mestrado no Instituto. De jeito simples e sempre prestativo, o carioca de 61 anos nos contou um pouco sobre sua relação e atividades que faz há tantos anos no IACS.

Quando começou sua relação com o IACS?

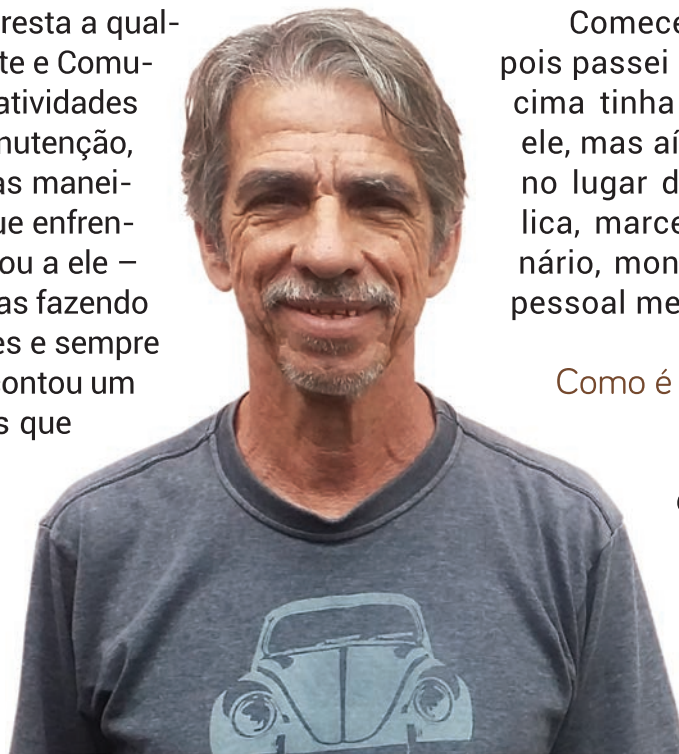
E.L.: Eu entrei no IACS em 1985 como AOSD – Auxí-

liar Operacional de Serviços Diversos, na época existia essa função. Aí depois em 87 eu fiz uns cursos e passei para técnico em eletrônica. Eu era do antigo NAV, aí o NAV acabou e a galera teve que vir toda para o IACS e estamos aqui até hoje.

Comecei fazendo parte da limpeza, mas depois passei para a manutenção. Na época lá em cima tinha o Seu Jonas e eu trabalhava com ele, mas aí depois ele se aposentou e eu fiquei no lugar dele. Então eu faço elétrica, hidráulica, marcenaria, ajudo os alunos a fazer cenário, monto prateleira. Tudo que tiver aqui o pessoal me chama para resolver.

Como é o clima de trabalho aqui?

E.L.: O clima de trabalho comigo aqui é legal, eu procuro atender a todo mundo: aos funcionários, aos professores, aos alunos. Eu trabalhei uma época no antigo NAV e eu fazia muito cenário para os professores e para os alunos. Claro que você tem um probleminha



ou outro, mas isso é coisa que você desenrola fácil. Mas é bom, a relação entre nós aqui é boa.

Você interage bastante com os alunos e professores daqui?

E.L.: Eu interajo muito, até mais com os alunos do que com os professores. Porque eles é que acabam necessitando mais dos meus trabalhos – de manutenção e de montagem de cenário – então eles falam diretamente comigo. Não tem muita comunicação indireta, via secretaria, não. Essa relação acaba não ficando só no âmbito profissional, pois você vai convivendo com as pessoas e isso cria uma amizade. A maioria tudo virou amizade.

O ensino superior para pessoas com idade avançada, ainda mais para as que trabalham, é muito difícil. Mas você pretende um dia estudar aqui?

E.L.: Eu não tenho faculdade, fiz somente até o segundo grau. Eu não tenho mais a pretensão hoje de fazer uma faculdade. Mas se fosse no passado, eu tentaria entrar para essa área de cenário, de cenógrafo. Mas agora estou com 61 anos, perto de me aposentar. Acho que não vale mais a pena não.

Você tem filhos? Eles estudam ou estudaram no IACS?

E.L.: Eu tenho duas filhas e elas fizeram faculdade, na UERJ. A mais velha, inclusive, está fazendo o mestrado dela aqui mesmo no IACS.

Como vocês driblam a falta de recursos?

E.L.: Quando não temos recurso para fazer a manutenção, nós tentamos dar um jeito. Com recurso melhora, com certeza. Mas aí quando a gente não consegue resolver por aqui, nós recorremos ao pessoal da manutenção da UFF e aí fica mais fácil porque eles já trazem a peça. Porque aqui a gente tem que comprar e isso é complicado.

No que você considera que o Instituto pode melhorar?

E.L.: Se tivéssemos mais grana, mais verba, melhorariamos muita coisa aqui dentro. Mas já melhorou muito, cara, em vista de quando eu entrei aqui, melhorou bastante. Antigamente as salas de aula não tinham ar, hoje têm. Hoje você consegue ter a parte da limpeza, está “tudo em cima”. Antigamente, quando estava no NAV, a relação com a diretoria era mais distante, hoje a diretoria está mais perto da gente. E isso é melhor.

Qual sua lembrança mais marcante desse tempo trabalhando aqui no IACS?

E.L.: O momento mais marcante para mim foi quando acabou o NAV e houve essa mudança para o IACS. Porque o NAV era um departamento ligado diretamente ao reitor e nós sentimos muito, porque fazíamos muitos trabalhos externos e cobríamos toda a Universidade. Quando viemos pra cá, nós ficamos meio assim...mas depois a coisa foi andando. Mas marcou muito.

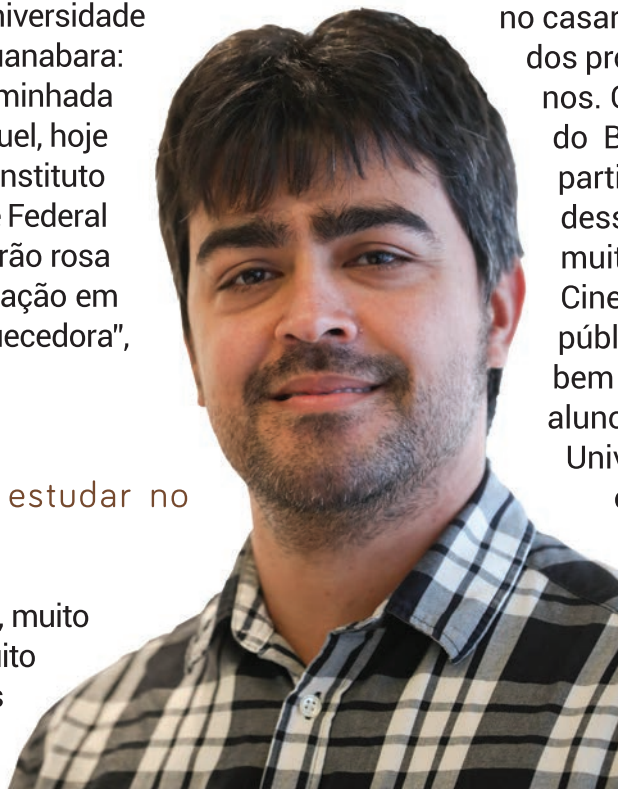
Casarão: “Uma experiência enriquecedora”

Por Thaís Gesteira

Emanuel Alencar, 36 anos, construiu uma carreira sólida como jornalista. Atual editor de Conteúdo do Museu do Amanhã - eleito o melhor museu da América Latina - é também 'youtuber' do #ProjetoColabora, docente do curso de extensão em “Jornalismo e Sustentabilidade” na Universidade Veiga de Almeida e autor do livro “Baía de Guanabara: descaso e resistência”. Entretanto, toda caminhada tem um ponto de partida e a largada de Emanuel, hoje mestre em Engenharia Ambiental, foi dada no Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Há 17 anos, ele chegava no casarão rosa para estudar Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e viver uma experiência “enriquecedora”, como ele define o tempo que passou por lá.

Emanuel, como foi a experiência de estudar no casarão rosa?

E.A.: Foi uma experiência muito diversa, muito interessante, muito viva... foi um momento muito feliz da minha vida e de várias outras pessoas que lá estavam na época. Foi uma experiência, resumindo: muito enriquecedora.



Assim que você chegou no IACS, o que mais chamou sua atenção no espaço?

E.A.: O que de cara chamou a minha atenção no casarão foi a diversidade, tanto no corpo dos professores quanto no corpo dos alunos. Os alunos vinham de vários lugares do Brasil, e Niterói, e o casarão mais particularmente, era lugar de encontro dessas culturas de diversas regiões - muito por causa também do curso de Cinema que era um dos poucos cursos públicos de cinema no Brasil - então era bem interessante essa amizade que os alunos faziam, porque muitos tinham a Universidade como encontro cotidiano e as experiências eram muito ricas.

E como era essa convivência com pessoas de lugares e culturas tão diferentes?

E.A.: Na verdade, criou-se ali uma grande família.

Todo mundo se conhecia, todo mundo acabou indo morar em Niterói porque deixou seus estados de origem para estudar no IACS... eu me lembro com bastante carinho dessa época que foi bastante rica, de muita troca e muito conhecimento e principalmente muita amizade.

No que diz respeito à segurança, hoje nós vivemos um momento difícil nos entornos do IACS. Como era na época em que você estudava no casarão?

E.A.: Eu estudei no IACS num tempo em que Niterói já vinha sofrendo um pouco com a violência, mas ainda era possível fazer algumas coisas de noite sem muito medo... A gente vivia um momento, tenho certeza, de um Brasil, de projeto de país, menos catastrófico do que hoje.

Você sente falta dos tempos em que era estudante?

E.A.: Eu sinto falta dos meus amigos, das amigadas que fiz, de algumas aulas... mas hoje compreendo, passados 12 anos - da formatura - que, quando a gente entra na faculdade, a gente entra ainda bastante imaturo para algumas questões. Então, certamente eu aproveitaria algumas aulas muito melhor hoje do que aproveitei na ocasião.

Você sentiu muita dificuldade para se adaptar à universidade, sendo recém saído do Ensino Médio?

E.A.: Então, acho que faltava uma tentativa do corpo docente de se aproximar dos alunos que estavam

recém saídos da escola, num ambiente muito novo e com uma inquietação natural à idade. Faltava tentar fazer as aulas mais palatáveis... algumas vezes, as aulas passavam mais penosas aos alunos em função dessa imaturidade. No meu caso, eu enxergo essa falta de maturidade com bastante clareza hoje.

E o que você deixou no passado e não sente falta?

E.A.: Eu sinto falta dos amigos e de não ter aproveitado tanto bem algumas disciplinas como poderia ter sido. Mas eu não sinto falta de alguns professores que - embora fossem funcionários públicos, e, por isso, deveriam ter alguns compromissos importantes - acabavam simplesmente não aparecendo para dar aula... disso não sinto a menor falta.

Também não sinto falta do sucateamento da universidade pública que já no início dos anos 2000 era bastante visível. Assim que entrei na UFF houve uma grande greve, que durou mais de um ano, em função das precárias condições a que os professores eram submetidos. Então não sinto a falta do desleixo de alguns professores e do desleixo de alguns governantes com a universidade pública.

Quanto aos materiais e equipamentos disponíveis: eram suficientes para a sua formação?

E.A.: Então, havia exemplos muito concretos de falta de materiais mais básicos para servir de ferramen-

ta para os alunos de Comunicação Social. Por exemplo, tínhamos uma bobina bastante moderna para usar nos equipamentos fotográficos, mas ao mesmo tempo faltava uma química bastante barata e trivial para fazer uma revelação. Eram casos assim que aconteciam bastante na época e a gente já ficava bastante indignado. Na verdade, sem entender muito bem como numa universidade tão importante, e com dinheiro, as coisas não chegavam na ponta.

Os atuais alunos do casarão sofrem com a promessa de um novo IACS - que nunca sai do papel. Na época em que você era estudante já havia essa promessa? Vocês também queriam mudar de prédio?

E.A.: Na época que eu estudava lá, a gente se preocupava mais com a abertura do prédio anexo - aquele prédio que fica na entrada - que estava parcialmente interdito. Mas as salas de aula funcionavam razoavelmente bem, tinha alguma estrutura, principalmente no segundo andar do casarão, e não havia, ao que eu me lembro, essa promessa de a gente se mudar dali. Nós fazíamos algumas aulas no ICHF, no Direito, na Economia, faculdades que eram todas ali próximas, no entorno do Ingá, São Domingos e Gragoatá. O que a gente reivindicava eram mais ferramentas, materiais para aulas de fotografia, ilhas de edição de TV... mais do que propriamente a infraestrutura do prédio, isso não era uma demanda da época.

Imagino que enquanto estudante, você tenha vivido experiências inesquecíveis no casarão. Tem alguma em especial?

E.A.: Deixa eu pensar aqui... as festas com os amigos. A gente fazia umas festas no IACS que eram bastante ruidosas (risos).

A gente usava o IACS como uma extensão, como um quintal da nossa casa, porque a gente morava ali pertinho, numa república na rua Tiradentes, então o IACS era esse espaço da convivência por excelência.

Outras boas experiências eram as aulas do professor João Batista, da professora Sylvia Moretzsohn, do Aníbal Mendonça, do Jorge Freund... Uma vez, o Jorge pediu para a gente escrever sobre a percepção da luz em duas laudas. Imagina: um monte de calouro e o cara vem com esse papo de percepção da luz.

Falando de professores: além dos citados, quais professores marcaram a sua vida?

E.A.: Lembro com muito carinho das aulas do Farbiarz, das aulas do Afonso Albuquerque, da Ana Lúcia, do Tarso... enfim, eram aulas muito animadas e o pessoal queria aprender. Mesmo em aulas com temas mais chatos, o pessoal se empenhava bastante.

Já voltou no IACS após ter se formado?

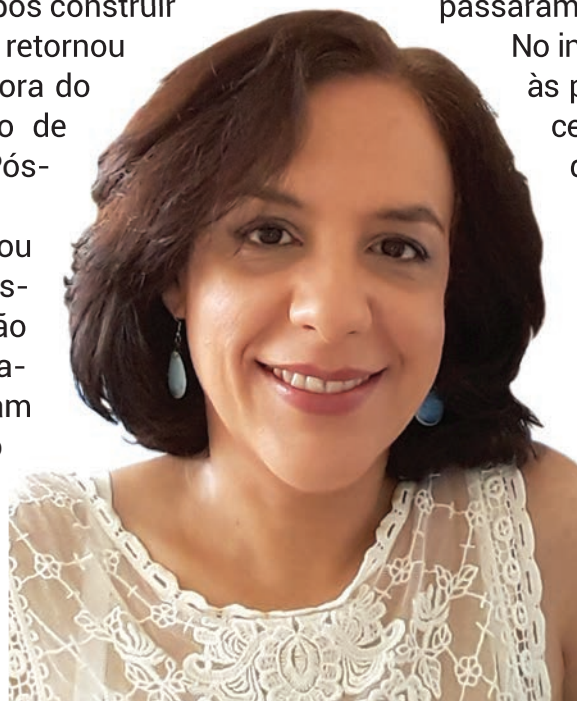
E.A.: Só de passagem. Nunca entrei no casarão depois de 2006, mas pretendo fazer isso... em breve.

IACS 50 anos: De volta ao lar

Por Bruna Rodrigues

Ao longo desses 50 anos, incontáveis personagens já entraram e saíram do Instituto de Arte e Comunicação Social, o IACS. O Casarão formou profissionais das mais diversas áreas, da atuação direta na comunicação à pesquisa e ao magistério. Alguns, porém, retornaram para casa. É o caso de Flávia Clemente de Souza, graduada em Comunicação Social-Jornalismo pela UFF que, após construir sua carreira em assessoria de imprensa, retornou ao IACS para lecionar e hoje é vice-diretora do Instituto e professora do Departamento de Comunicação Social e do programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano.

Flávia tem hoje 46 anos, e ingressou no curso de Comunicação Social - Jornalismo em 1990. Segundo ela, a principal razão para escolher essa área foram os resultados em testes vocacionais, que apontavam para a Comunicação, mas a certeza não demorou a vir quando a graduação começou. Apesar de ter passado relativamente pouco tempo no campus – a docente terminou seu curso no tempo mínimo, em quatro anos –, as lembranças do Casarão são positivas.



Na época, o Instituto era bem menor e abrigava menos cursos do que atualmente - apenas os cursos de Comunicação, Biblioteconomia e Arquivologia - mas já era um espaço acolhedor para todos. “Nossas lembranças do casarão sempre foram ótimas, é um local acolhedor e diferente do restante da universidade, o que faz com que os alunos que passaram por ali se sintam especiais”, conta Flávia.

No início da formação, Flávia se manteve aberta às possibilidades que as disciplinas lhe ofereceriam, já que ela ainda não tinha certeza do que seguir dentro da Comunicação. Mas no terceiro período, ela teve seu primeiro contato com a assessoria de imprensa e se identificou prontamente com a área, tendo conseguido seu primeiro estágio e decidido continuar a investir nela. “Na época em que estudei, assessoria de imprensa não tinha a projeção que tem hoje no mercado e nem mesmo era disciplina obrigatória”, compartilha. “Eu gostei muito da experiência, acredito que seja mesmo por vocação, por minha personalidade, e resolvi continuar a procurar oportunidades nesta área. Na época,

o Brasil passava por uma situação de crise econômica grave e o mercado de assessoria era mais promissor do que as reações”, explica a docente, que para contornar as dificuldades na capacitação nessa área durante sua graduação contou com disciplinas eletivas de marketing e administração.

Flávia se formou em abril de 1994 e, de lá, partiu para o mercado formal da assessoria de imprensa, onde permaneceu por 15 anos. Trabalhou em agências, instituições públicas, privadas e vivenciou diversas experiências na área. E alguns anos após a conclusão do curso, retornou para fazer o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Até então, a ideia de se tornar professora – profissão de sua mãe, que foi professora de Análise do Discurso na UFF e começou a trabalhar no IACS em 1992 – nem lhe passava pela cabeça, até que a oportunidade surgiu de forma inesperada. “Um amigo me avisou quando a UFF abriu a seleção simplificada para professor substituto no departamento e insistiu para que eu fizesse o processo seletivo. Depois que eu comecei a dar aulas, em 2006, foi que percebi que poderia ser um trabalho tão gratificante quanto minha escolha profissional de então”, conta.

Dois anos depois, após realizar concurso, Flávia se tornou professora efetiva no IACS, na cadeira de Jornalismo Empresarial. E mais tarde, passou a chefiar o Departamento de Comunicação Social do Instituto, e reconhece como parte importante da função do docente e servidor público. “Eu acho muito importante participarmos de forma ativa de todas as atividades inerentes à docência, porque isso nos permite conhecer a universidade de forma mais aprofundada e aumenta nosso vínculo e comprometimento com a instituição”, opina a professora, que expressa sua gratidão e o reconhecimento

no papel que a UFF teve em sua formação pessoal e profissional. “Eu acredito que a minha graduação teve influência decisiva em minha vida, tanto no que diz respeito aos caminhos profissionais quanto no que diz respeito à minha postura como cidadã”, compartilha Flávia. “Como aluna, eu conheci um mundo muito mais amplo do que eu havia vivenciado até o Ensino Médio, e também amadureci minha postura com relação às questões políticas, econômicas e sociais”, diz.

Para Flávia, a universidade possui uma importante função em meio ao difícil contexto social e político existente hoje, apesar das dificuldades enfrentadas pelas limitações impostas ao ensino público. “O IACS tem uma personalidade visionária, que trespassa todos os seus cursos, e isso garante que consigamos estar sempre olhando para a frente e enxergando tendências e possibilidades de formação de nossos alunos, não só para entregar ao mercado ótimos profissionais, mas principalmente para educar cidadãos e ter esperanças de que o futuro seja melhor com este tipo de iniciativa”, opina a docente. “Eu acredito que o papel de uma universidade pública vai muito além do que simplesmente formar profissionais e a UFF cumpre muito bem este papel”, continua.

E falando sobre as dificuldades vivenciadas pela universidade, a professora e assessora também falou sobre uma das questões mais importantes em relação ao IACS hoje – e há 10 anos –, que é a construção do novo IACS, localizado no Gragoatá. “O projeto do IACS no Gragoatá vem desde a época que eu era aluna, então existe muito ceticismo com relação à sua conclusão. Com o Reuni, as obras começaram a ser feitas em 2008, no entanto, até hoje estão em processo de conclusão”, relata. “No momento, para o prédio do IACS ser

concluído, é necessária uma nova licitação. Então, precisaremos aguardar os trâmites burocrático e a previsão financeira para que possamos ter uma expectativa de quando o prédio será concluído”, explica Flávia.

Com a grande quantidade de alunos presentes no IACS hoje, que comporta nove cursos em um espaço pequeno em comparação com outros da UFF, os problemas estruturais do casarão têm tido mais destaque, o que ressalta a necessidade de um novo prédio que comporte todos os estudantes e a estrutura necessária para a graduação. “Hoje temos não só o curso de Comunicação, são nove cursos no IACS e um aumento muito grande do número de alunos. Só na graduação, temos cerca de 3 mil. Isso nos causa problemas estruturais imensos – falta de salas de aulas, falta de espaço para novos laboratórios, o deslocamento entre o casarão e o campus do Gragoatá, que demora ao menos 20 minutos a pé e é perigoso. Acredito que todos sentem estes impactos e esperam que a obra seja concluída o mais rapidamente possível, para que possamos oferecer aos alunos a aprendizagem em locais mais adequados, modernos e com espaço suficiente”, opina Flávia.

Mas apesar de todos os problemas enfrentados pelo IACS e pela educação pública no geral, a importância do casarão, que completa 50 anos neste ano, continua a mesma. E Flávia justifica isso por meio da sua experiência ao longo dos anos em que conviveu no Instituto. “Durante a graduação, eu tinha um professor de Filosofia que dizia que ‘há alunos que passam pela universidade, e há alunos que a universidade passa por eles’. Eu fiquei no segundo grupo. Com certeza, o IACS transformou minha vida, foram os melhores anos da minha juventude”, compartilha. “Quanto a

dar aulas, obviamente o tempo é outro. Os alunos passam, nós ficamos, e assistimos às turmas se sucederem. Alunos se formarem. É muito diferente, mas muito gratificante também. Se puder não escolher, eu prefiro, aproveitei, e aproveito, muito bem os dois [lecionar e se graduar]”, diz a docente.

O IACS sem dúvidas se tornou o que é hoje pelas pessoas que o compõem, e Flávia valoriza isso, acreditando não somente em seu próprio legado no Instituto, mas no conjunto de tudo o que o corpo docente acrescenta para o Casarão. “Não acredito em deixar um legado, acredito que todos nós que convivemos no IACS há tantas gerações deixamos nossa marca no Casarão coletivamente. Nosso corpo docente é formado por professores que não conheciam o IACS e misturado a outros que foram egressos em diferentes gerações. Essa mistura que gera uma cultura que vem passando de geração em geração e que, como eu disse, torna o IACS um lugar especial, que marca a vida de todos os que passaram por aqui”, opina.

Para concluir, ela deixa um recado para lembrar das comemorações dos 50 anos do IACS: “Já que sou uma das professoras que fazem parte da comissão criada para organizar as festividades dos 50 anos, então eu gostaria de deixar como mensagem a importância de todos participarem das comemorações. O IACS é a sua comunidade. Alunos, egressos, professores, funcionários, aposentados... Mais do que um prédio – mesmo que seja um adorado casarão – temos uma personalidade que se dá a partir da soma de quem fomos e de quem somos, nosso Instituto se diferencia por meio desta unidade, que se forma a partir de tantas diversidades, e que nos dá uma característica própria, única. Comemorar os 50 anos é celebrar tudo isso”, finaliza.

“É muito importante a gente reafirmar que precisa de uma universidade pública, gratuita e de qualidade”

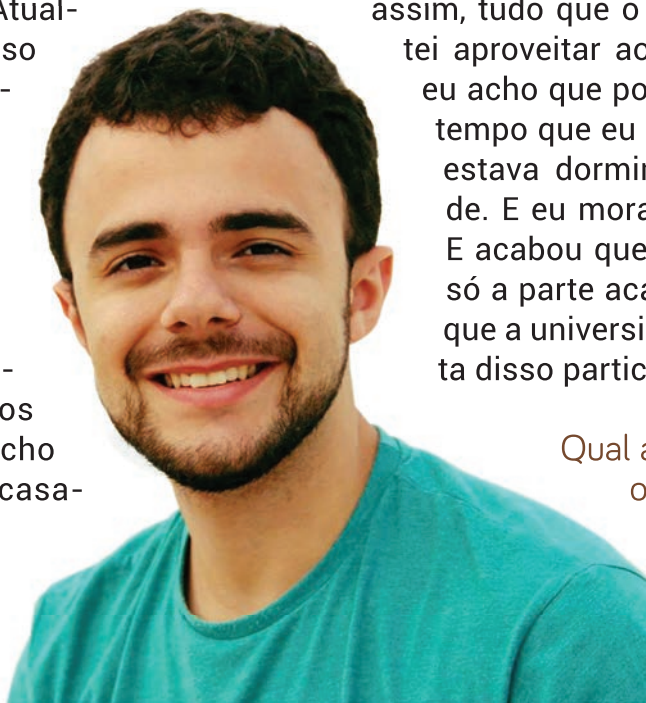
Por Jéssyca Fonseca e Thatiane Almeida

A relação de Gabriel Faza com o IACS é intensa. Ex-aluno de Publicidade, foi também bolsista e monitor, participou do Diretório Acadêmico e da fundação da Atlética do Instituto, montou empresa júnior e aproveitou tudo o que o Instituto tinha a oferecer. Atualmente, é aluno de Pós-Graduação. No nosso bate-papo, Gabriel falou também da emoção de representar a UFF e o Instituto.

Como foi a sua relação com o IACS sendo aluno, bolsista e monitor?

G.F.: Eu costumo dizer que a experiência que eu tive no IACS, durante os quatro anos da minha graduação, eu acho que eu tive o privilégio de aproveitar o casarão ao máximo.

Porque que eu digo isso, porque eu fui bolsista, eu fui monitor, eu participei do diretório acadêmico, eu participei da fundação da atlética, participei do



LACCOPS [laboratório da professora de Publicidade Patrícia Saldanha] no fim da minha graduação, participei da empresa júnior que hoje não existe mais, mas na época a gente tentou montar uma empresa júnior, então tipo assim, tudo que o IACS podia me oferecer, eu tentei aproveitar ao máximo. E uma das coisas que eu acho que por não ser daqui de Niterói todo o tempo que eu tinha no meu dia, quando eu não estava dormindo, era dedicado à universidade. E eu morava muito perto da universidade. E acabou que eu me dediquei ao máximo não só a parte acadêmica como participar de tudo que a universidade podia me propor. E por conta disso participei de vários projetos.

Qual aprendizado você teve com estas oportunidades/experiências neste espaço (IACS)?

G.F.: Uma das coisas que mais me beneficiou não só hoje, quando eu penso na mi-

na carreira acadêmica, mas quando eu penso na carreira que eu levo no mercado é que essa participação em vários âmbitos que o IACS, e que a comunicação me proporcionaram, acabou resultando numa construção de visão muito diversa. Eu acho que o fato de ter uma formação muito plural foi algo que me ensinou muito. Seja pelo aprendizado que eu tive de mídia quando era monitor da Lilian, seja pelo aprendizado de uma questão da importância social da publicidade depois que eu entrei pro LACCOPS, ou seja da parte estratégica quando eu fazia parte do núcleo de marketing. Ou da parte de vivência da comunicação como era quando eu fazia parte da agência, na DROPS. Então eu acho que uma das coisas que o IACS pode me proporcionar foi uma formação muito plural e muito crítica.

Durante a sua trajetória pelo IACS (período graduação/mestrado), quais foram as suas influências e a sua vivência?

G.F.: Quando eu estava no meu 7º período eu não tinha interesse em seguir carreira acadêmica. Eu na verdade comecei a ter esse interesse quando eu entrei pro LACCOPS e fiz a minha pesquisa, que foi a minha monografia, na qual eu estudei publicidade social aplicada ao caso de Médicos Sem Fronteiras que depois se transformou num artigo que me rendeu prêmio. Mas quando eu comecei a estudar sobre o tema e comecei a me interessar por aquilo e a ficar mais curioso eu acho que isso me fez pensar em continuar estudando e seguir para o mestrado. Na verdade, eu acho que o que me fez seguir para o mestrado foi, claro a influência dos meus professores, mas também as mi-

nas dúvidas. Eu acho que as minhas curiosidades é que me fizeram seguir para o mestrado.

Como foi poder representar uma universidade pública, a UFF e o IACS, ganhando no Intercom o prêmio Vera Giangrande?

G.F.: Eu acho que hoje, no atual momento que nosso País vive, eu acho que é muito importante a gente reafirmar que a gente precisa de uma universidade: pública, gratuita e de qualidade. Eu sempre tive muito orgulho de ser da UFF, até porque eu sou do interior da cidade de Três Rios (MG), onde poucas pessoas passam para uma universidade pública. Na minha época era mais raro, hoje, depois de algumas modificações você ainda tem uma quantidade maior de pessoas passando. Mas na minha época era muito difícil, difícil acesso inclusive! Então eu acho que desde que eu passei na UFF, eu sempre tive muito orgulho de estar na UFF e sempre tive a consciência de que o que mantém essa universidade é a população, então eu acho que a gente precisa entregar alguma coisa de volta, pelo investimento que é feito na gente. E sempre foi uma bandeira que eu sempre levantei, seja no período que eu fui para o intercâmbio e depois quando fui para o mercado, faço questão de levantar a bandeira da UFF, porque é algo que realmente me enche de orgulho. E quando eu tive a oportunidade de apresentar meu artigo, eu não esperava ganhar o prêmio, não esperava sequer ser indicado ao prêmio. E quando veio a indicação que eu pude representar a UFF mais uma vez, pra mim foi muito emocionante.

“O casarão tem seu charme”

Por Roberto Accioly

Dono de uma irreverência cativante e um mar de experiência na sua carreira de diagramador, ilustrador, designer e professor. É assim que podemos definir Ildo Nascimento. O botafoguense fanático, que também apresenta um grande apreço pelo América, parou de lecionar no casarão em 2017. Sua última aula foi para a turma de jornalismo de 2017.1, com direito à despedida com comes e bebes. Impossível não ligar a história do IACS com a do ex-professor. Foram muitos trabalhos prestados ao Controversas, evento de jornalismo que reúne, desde 2010, profissionais e estudantes para discutir os rumos do mercado. Ildo também integrou o time do jornal O Casarão, que editou entre 2005 e 2008. Na fase atual, iniciada em 2012, o periódico ressurgiu pelas mãos dos alunos, mas ganhou projeto gráfico do professor, que nos últimos 26 anos assinou quase todos os trabalhos artísticos que passaram pelo instituto. Um dos mais recentes e importantes esteve em exposição durante os eventos de rememoração do golpe Civil-Militar, em 1964. A mostra



“Diários do Golpe: a ditadura na primeira página”, organizada por Ildo, com a colaboração do aluno Vinicius Damazio, foi inaugurada em 28 de abril de 2014, e mostrou, através das capas de jornais, ampliadas em painéis, um pouco da trajetória jornalística de um dos períodos mais difíceis da história do Brasil. Ildo também criou o selo comemorativo dos 50 anos do IACS e toda a identidade visual usada para comemorar o jubileu. E é por isso que ouvimos um pouco do que Ildo tem a falar da sua relação e trajetória com o Instituto.

Como foi a experiência de dar aula no IACS?

I.N.: O Trabalhar é uma ciranda de bons e maus momentos.

Como ex-professor, você sente falta do IACS no seu dia-a-dia?

I.N.: Não necessariamente. Antes, a partir de abril de 1970,

atuei como freelancer nos segmentos de jornalismo e publicidade. Lecionei geometria descritiva no segundo grau, no Colégio Salesiano. No IACS, cumpri uma jornada de 1992 a 2017. É hora de fruir o tempo.

Na sua visão, o Instituto era acolhedor para professores e alunos?

I.N.: Sempre deixou a desejar, por exemplo, na falta de um espaço para convivência e atendimento aos alunos, tanto no decorrer do curso quanto na orientação de TCC.

Quais eram os principais benefícios de lecionar no casarão? E as dificuldades?

I.N.: O casarão da Lara Vilela pode ter seu charme, mas é totalmente inadequado para ambientar aulas e atividades que envolvam arte e comunicação.

A mostra “Diários do Golpe: a ditadura na primeira página”, organizada por Ildo, a colaboração do aluno Vinicius Damazio, foi inaugurada em 28 de abril de 2014, e mostrou, através das capas de jornais, ampliadas em painéis, um pouco da trajetória jornalística de um dos períodos mais difíceis da história do Brasil

“...a oportunidade de conviver com pessoas de variadas idades, sensibilidades e graus de experiências foi estimulante”

De todo esse tempo que deu aula lá, você deve ter vivido momentos marcantes. Qual deles foi único para você?

I.N.: Não recordo nenhum em particular, mas a oportunidade de conviver com pessoas de variadas idades, sensibilidades e graus de experiências foi estimulante. Mas um destaque em especial é que tive o privilégio de conviver pessoal e profissionalmente com a professora Clarissa Gonzalez, uma parceria estimulante e criativa.

“No IACS, cumpri uma jornada de 1992 a 2017. É hora de fruir o tempo”

Há algo que, na sua opinião, deve ser feito no IACS para que a experiência dos alunos seja melhor do que a de hoje?

I.N.: Mudar-se de lá tão logo sejam finalizadas as obras da nova sede do Instituto no campus do Gragoatá. Uma tragicomédia em cartaz há mais de 25 anos.

“Criei laços com o IACS”

Por Maria Eduarda Gouveia

No segundo semestre de 2016, houve uma onda de ocupações nas escolas e universidades públicas brasileiras visando barrar a PEC 55, projeto que instituiu um novo regime fiscal, estabelecendo um teto para os gastos públicos em saúde e educação por 20 anos a partir de 2018. Fazendo jus à sua fama de engajamento com causas políticas, o casarão foi ocupado por meses, tendo como pauta central a não aprovação da PEC, além de reivindicações internas do Instituto, como a obra estagnada do novo IACS. Iohanna Cândida Tomé, 18 anos, graduanda do quinto período de Artes e ex-ocupante do Instituto, conta como o caos e as situações mais delicadas do período de ocupação fizeram com que ela fortalecesse seus laços com o casarão.

Fala um pouco como foi esse processo de ocupação do IACS, quais eram as principais reivindicações dos alunos, se vocês tiveram suas reivindicações



atendidas, e como é que era esse contato com o reitor – se havia um contato...

I.T.: Eu participei principalmente da ocupação do IACS/casarão, e a principal pauta que reivindicávamos era a não aprovação da PEC 55. Infelizmente, a PEC foi aprovada, mas nós tínhamos outras demandas para além dessa; nós tínhamos pauta sobre a finalização das obras do novo IACS, que também era a pauta principal da ocupação do novo IACS, que aconteceu entre agosto e setembro de 2016. Foi uma época de muita repressão também, fomos para Brasília protestar e foi uma viagem bem conturbada, quando tiveram início essas grandes repressões que vemos até hoje, foi um marco. A direção do IACS abraçou muito a gente, o Kleber [Mendonça] sempre estava lá perguntando se precisava de alguma coisa. Mas com a reitoria não se tinha muito diálogo, tínhamos diálogo com os sindicatos, o Sintuff e a Aduff, esta ajudava na questão da alimentação, das quinzenas e tudo mais. No final da ocupação,

deliberamos uma comissão de obras para o novo IACS, com a promessa de três prédios prontos para utilizarmos.

Você falou que o curso de Artes é o curso mais precário do IACS.

I.T.: O IACS não comporta os cursos que tem dentro do instituto, tanto é que muitos outros cursos pegam matéria no bloco A no Gragoatá, em outros prédios. Só que o curso de Artes, em específico, exige salas específicas, não é uma sala branca, quadrada, cheia de cadeiras com uma lousa para você escrever, não é isso. Nós temos aulas de corpo, de música, aula em que precisamos rolar no chão e não temos lugar propício para isso, não tem uma sala para ter aula de dança, de teatro, de nada disso. Fica um pouco complicado. No planejamento para o novo IACS está prevista essa sala, existem todas as nossas especificidades, que nós do curso de Artes precisamos. Só que estamos aí esperando. Faz falta um ateliê, os estúdios também que infelizmente são destinados apenas para a galera de Cinema. Na ocupação também descobrimos - para mim foi uma descoberta - a Zeca Porto, que é uma sala que tem vários MacBooks, material de última geração, só que é uma sala de Cinema, é uma sala que nós não temos acesso.

Isso impede uma formação completa de vocês do curso de Artes?

I.T.: Não é impedir uma formação completa, mas veta certo acesso e certa possibilidade que poderíamos criar a partir daquilo. Temos que fazer trabalhos de audiovisual e matéria de meios tecnológicos e usamos aqueles computadoresinhos

antigos, que não têm capacidade para muitos programas, não é um material adequado para você trabalhar com edição, com arte gráfica. Não diria impedir uma formação completa porque o curso de Artes é também construído do particular, cada um tem a sua construção dentro do curso de Artes, nós até chamamos nossa grade de constelação, ele é bem diferenciado. Mas impede, sim, de realizar certos trabalhos, atividades.

Uma das principais reivindicações da ocupação era fazer com que a PEC 55 não passasse. Sobre o novo IACS, sabemos que ele está para ser entregue há muito tempo e até agora estamos esperando. Como você acha que a aprovação dessa PEC pode atrapalhar ainda mais essa entrega do novo instituto lá no Gragoatá?

I.T.: Antes do corte nas verbas já não tínhamos o instituto entregue. Com o corte de gastos que foi feito, nós achamos mais difícil ainda ter o IACS porque vai ter menos dinheiro do que antes.

Em relação à falta de estrutura no seu próprio curso, assim como em outros cursos também, já é complicado permanecer só no casarão. Em relação à segurança, têm muitos relatos de pessoas que passaram por problemas no caminho para o IACS, como assaltos. Queria saber se você já passou por um problema assim ou conhece pessoas que já tenham passado.

I.T.: A Lara Vilela, que é onde fica o casarão, está no quarteirão conhecido como quarteirão do "perdeu". É bem perigoso, já sofri várias tentativas de assalto, mas eu sem-

pre ando sem nada e sempre estou com alguém, infelizmente esse alguém sempre está com alguma coisa e acaba que nunca levam nada meu. Mas como eu moro muito perto da faculdade, da Cantareira, quando eu saio, principalmente à noite, eu evito levar qualquer coisa, levo, no máximo, o dinheiro que eu vou gastar lá, que é para não ter erro. A questão de segurança, acho que foge também um pouco da universidade, a gente cai em outro campo político que é o da segurança pública, e aí a gente vai desencadear outros assuntos.

Muitos dos professores, diretores antigos têm uma conexão muito forte com o IACS, com o casarão. Normalmente, nessa geração nova de alunos não tem essa conexão tão grande. Eu queria saber de você: se você tem essa conexão e se você acha que uma ida para o novo IACS poderia enfraquecer essa relação.

I.T.: Uma coisa que a ocupação trouxe para mim foi isso: essa conexão com o IACS e com as pessoas que estudam lá. Para mim a ocupação foi, literalmente, o divisor de águas. Antes da ocupação eu ia para o IACS, mas eu nem tinha tanta relação com ele porque eu pegava muita matéria no Gragoatá. Meu primeiro semestre foi grade montada, ficava muito no Gragoatá, e o segundo semestre foi quando teve a ocupação. Fiz grandes amizades no IACS: criei relações com o Kleber, que é o diretor, com professores, com alunos de outros cursos, principalmente os alunos de Produção Cultural; criei muita relação também com servidores que ajudaram muito. A tia da cantina foi sensacional, também continuou trabalhando durante a ocupação e nós pagávamos as quentinhas para comer quando não tinha ajuda do sindicato. E aí eu criei laços com o IACS, eu literal-

mente ocupei, eu dormi praticamente quase toda a ocupação, depois do Enem até o final da ocupação eu estive firme e forte 98% dos dias dormindo lá. Para mim fez total diferença... Infelizmente, não foi todo mundo que ocupou; felizmente, ou infelizmente, nossa ocupação foi majoritariamente feminina, tivemos problemas com isso também. Tivemos MBL querendo invadir o instituto, alegando que nós éramos uma ocupação mais vulnerável, porque o IACS é um lugar pequeno, abandonado, no meio do nada. Eles chamaram a gente de "feminazi", falaram que era uma ocupação "feminazi", por ser majoritariamente de mulheres eles associaram isso a uma certa fraqueza, uma certa vulnerabilidade. Mas esse foi um dos melhores dias de ocupação para mim, porque ficamos com muito medo, recebemos várias ameaças pesadas, de tacar bomba caseira lá dentro e tudo mais, e entramos em contato com as outras ocupações. Quando eu vi, o IACS estava cheio, lotado. Veio uma chuva muito violenta e tinha gente da Letras, da Geografia, do ICHF, tinha gente da Praia Vermelha, tinha muita gente e parecia que todo mundo estava ali por uma coisa só. Foi muito isso que eu senti. Depois que acabou a ocupação, tentamos permanecer com essa união, somos nós da ocupação que organizamos a calourada unificada. E fazemos isso com intuito de que nós possamos ficar juntos, buscando conexão, integração dos cursos do IACS, e é muito importante ter essa troca porque é um território de Arte e Comunicação. Tem muita troca boa, muita troca de trabalho, tem uma pessoa que sabe mexer com audiovisual, outra pessoa que sabe mexer com artes, uma pessoa que sabe atuar, uma pessoa que sabe tocar, uma pessoa que é técnica de som e vai se juntando, vão criando esses laços e surgindo trabalhos, eventos, mostras, coisas incríveis que aconteceram durante a ocupação.

“O casarão sempre foi um espaço muito acolhedor”

Por Mariana Moebus

Jaqueline Deister, 31 anos, formada em jornalismo, em 2011, e cinema, em 2017, pela Universidade Federal Fluminense, é duas vezes ex-aluna do casarão. Seus interesses são radiojornalismo e temáticas relacionadas aos direitos humanos. Além disso, também é cicloativista. Hoje, trabalha na edição online do jornal Brasil de Fato, além de atuar na versão impressa e na rádio, e na Pulsar Brasil - a agência informativa da Amarc (Associação Mundial de Rádios Comunitárias). Já passou pela TVT (TV dos Trabalhadores) e pela ONG Criar Brasil, na produção do programa de rádio “Zoa Som”. Jaqueline tem uma história de longa data com o IACS e nos conta um pouco das suas experiências lá.

Como foram esses períodos estudando no IACS?

J.D.: Foi bem interessante, eu tive uma longa vivência que começa em 2006 e se fecha efetivamente em 2017.



Foi um período de muito aprendizado, muito crescimento. Na universidade pública você tem um aprendizado que extrapola a sala de aula, são os convívios, os espaços políticos de debate que se criam, o movimento estudantil. Há uma vivência política que eu avalio como muito enriquecedora e positiva. Foram duas fases bem diferentes (Jornalismo e Cinema), a primeira graduação você está muito mais entregue, você consegue viver esses espaços que a academia e a universidade te proporcionam, uma interação maior com a turma, frequentar o Cinearte UFF... Na segunda graduação, o processo foi bem diferente, porque eu já estava trabalhando em dois empregos, é desafiador, a nossa relação com o tempo quando estamos trabalhando muda muito. As coisas que não me incomodavam antigamente, por exemplo, atrasos para começar a aula ou então o próprio desenvolvimento da aula, começaram a me causar um pouco de an-

gústia, porque eu ficava preocupada com relação aos afazeres de trabalho que eu tinha que cumprir, mas foi um período de muita aproximação com os professores.

“Na universidade pública você tem um aprendizado que extrapola a sala de aula, são os convívios, os espaços políticos de debate que se criam, o movimento estudantil”

Você tem algum momento ou memória marcante no casarão?

J.D.: O casarão sempre foi um espaço muito acolhedor. Quando eu penso no IACS, uma palavra que diz muito o que significou para mim é o acolhimento, os laços de amizades e que extrapolaram a universidade. O momento mais marcante que o IACS me proporcionou não foi exatamente dentro do casarão, eu tive oportunidade de participar de um projeto de extensão de uma professora de telejornalismo, Irene, e acabei indo pra Oriximiná [campus avançado da UFF no Pará]. Tive uma experiência muito marcante com os quilombolas. Foi algo muito enriquecedor na floresta amazônica, entender um pouco da vida desse povo, parte da minha monografia de jornalismo passou por esse conceito de Oriximiná. Eu voltei muito transformada, nunca tinha passado por situações

tão extremas, os quilombos mostraram muito para mim do valor da simplicidade da vida, desse modo tradicional de se viver que a gente conhece tão pouco aqui na cidade. Foi uma das experiências mais marcantes da minha vida e que contribuiu muito no meu processo de formação pessoal e profissional.

Você ainda tem contato com alguém que conheceu aqui?

J.D.: Tenho amigas muito queridas, umas das minhas melhores amigas veio do IACS, é muito engraçado como sempre teve um “IACSiano” na minha vida profissional. Hoje, eu trabalho com uma das minhas veteranas, então é uma troca muito bacana. O IACS está sempre permeando a minha vida. Eu sou capoeirista também e encontrei um colega de turma nesse outro universo e acabamos nos reaproximando.

Tem algum professor(xs) que te marcou nessas jornadas?

J.D.: Tem professoras que me marcaram bastante, uma delas sem dúvida é a Ana Baumworcel. Foi uma das professoras que mais me apoiou no IACS. Eu sempre busquei muito essa questão do radiojornalismo. Fui monitora dela no projeto Universidade no Ar e ganhei o prêmio CBN de jornalismo universitário com meu grupo. Ela teve um papel importantíssimo na minha formação, sempre me motivou bastante, apostou em mim, isso dá uma segurança para entrar no mercado de trabalho, tenho um carinho enorme por ela e até hoje temos uma proximidade. Outra

professora que eu destaco é a Elianne Ivo, coordenadora do curso de Cinema e Audiovisual, uma pessoa incrível, maravilhosa, a gente consegue dialogar e ter troca, que é uma coisa que eu valorizo muito nos meus relacionamentos com os professores. Ela foi crucial no momento de produção do meu TCC de Cinema, ela apostou no meu tema que foi bem complexo sobre as produções audiovisuais do Estado Islâmico e mergulhou comigo nisso. São professoras que acabaram se tornando minhas amigas, vai além de uma relação professor-aluno.

“Os quilombos mostraram para mim o valor da simplicidade da vida, desse modo tradicional de se viver que a gente conhece tão pouco aqui na cidade”

Te acompanho nas redes sociais e vejo que tem bastante envolvimento em movimentos políticos. Esse interesse já vem desde aquela época? Se sim, como acontecia?

J.D.: Quando somos mais novos não entendemos muito bem, mas pela universidade eu vi que meu interesse vinha muito dessa questão dos direitos humanos, na própria viagem a Oriximiná. Tudo isso me fascina muito, você tentar transformar essa questão social, entender o outro que é marginalizado e como você vai retratar isso de forma a

mexer na opinião pública. Só que naquela época eu não entendia muito bem porque eu me interessava, não tinha clareza de entender o papel da comunicação, o comprometimento do comunicador, o peso que isso tem na sociedade. A gente vivenciou isso no processo do golpe, que deixou mais claro o papel da mídia. Então, eu acho essencial pensar no tipo de comunicação que queremos fazer e como viabilizar essa comunicação, principalmente em tempos tão difíceis como os de hoje, quando esse apoio costuma ser cada vez mais escasso, embora se mostre cada vez mais necessário trazer outra voz à tona. Espero que eu consiga permanecer trabalhando com isso, vivendo disso, porque quando você consegue conciliar o que você acredita com o seu trabalho, mesmo que esse trabalho seja muito cansativo, te desgaste bastante, ele acaba sendo prazeroso.

Do que sente mais falta da época do casarão?

J.D.: O casarão me remete a uma época onde a vida era mais leve, não tinha o peso que tem hoje com os compromissos, as responsabilidades, era sempre muito bacana, a gente saía da faculdade e ia beber uma cerveja na Cantareira, tinha o espaço da praia do IACS, das conversas e o estúdio de rádio que foi muito importante pra mim. Eu sou cicloativista, então a bicicleta é meu meio de transporte. Em 2007, quando eu comecei a ir à universidade de bicicleta não tinha ninguém que ia, e agora nesse final do curso de Cinema já era difícil encontrar lugar para estacionar, então foi muito legal ver essas mudanças culturais, na transformação do IACS.

Ao mestre, com carinho

Por Bárbara Queiroz e colaboradores (*)

"Na quinta fileira do auditório do IACS, João Batista de Abreu levou a mão direita ao queixo, pediu a palavra, e afirmou para todos: 'acho que me relaciono com o trabalho intelectual como flanador.' Era 23 de março de 2017." O professor Renato Ortiz abordou o tema e apontou a prática de flanar como uma das principais características de um pesquisador.

"A maioria dos dicionários define flanar como 'caminhar sem destino, perambular e observar'. Humildemente, João encontrava uma classificação possível, mas incompleta para definir seu comportamento de pesquisador, professor e analista da realidade brasileira", sob o ponto de vista de seu aluno.

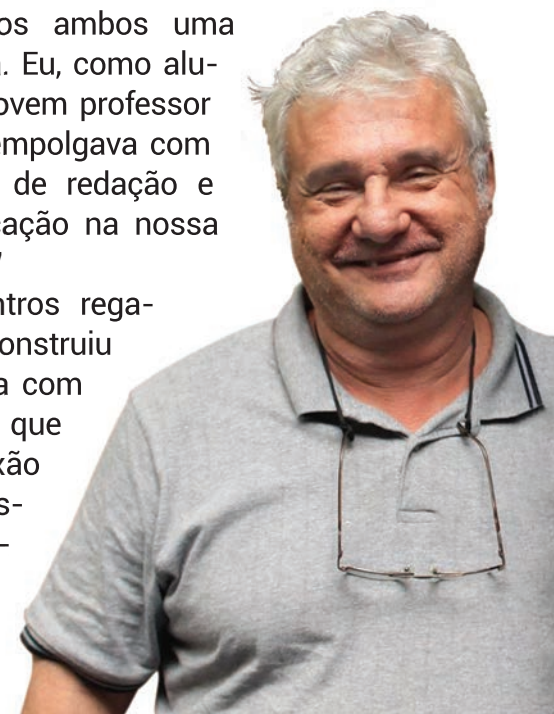
O vínculo nasceu em 1972. Em busca de mais liberdade, o jovem de classe média da Zona Sul carioca atravessou a Baía para estudar Comunicação na Universidade Federal Fluminense durante os anos mais sanguinários da ditadura militar. O ex-aluno do colégio católico se viu, de repente, um hóspede de um instituto alheio, de pastilhas brancas e verdes que pertenciam ao curso de matemática, foi censurado, perdeu amigos e resistiu e viu o casarão ganhar vida anos depois.

Sua formatura foi em 75, mas não aconteceu. Não tinha como voltar atrás, todos já estavam na porta do auditório, ele também. A turma Alceu Amoroso de Lima foi barrada na própria festa. Subiu pela primeira vez o Dona Marta com o professor Lapassade e os colegas do grupo de pesquisa,

novidade, nova vivência, novo olhar. Memória. Descobertas. Foi para expandir seus horizontes que ingressou no curso de Ciências Sociais no mesmo ano de 1975.

Aos 26 anos, ainda aluno do ICHF, descobriu-se professor em um IACS menos careta do que o atual. "Conheci João Batista no início dos anos 1980, quando iniciávamos ambos uma jornada acadêmica. Eu, como aluno, e João como jovem professor do IACS que nos empolgava com suas experiências de redação e nos cobrava dedicação na nossa tarefa de aprender."

Entre encontros regados a cerveja construiu uma relação íntima com os alunos e laços que foram além da paixão que guarda por essas histórias vividas aqui. Se apaixonou. Casou-se duas vezes com pessoas que co-



nheceu aqui, onde o filho mais velho também dá aulas, alimentando a afetividade e continuando a história.

"Na sala de aula, em seus livros, na orientação de meu mestrado ou mesmo em simples postagens no Facebook, não são poucas as vezes em que João nos alerta para algo que não percebemos. Ele é quem destaca aquela política de governo que poderá ter graves consequências em médio prazo. Parte dele a denuncia de uma reportagem tendenciosa de veículos de comunicação. Na orientação de mestrado, rapidamente aponta a necessária inclusão de um autor que será peça chave na dissertação."

Sua trajetória contém passagens pelo Jornal do Brasil e pelo O Globo, entre outros grandes veículos. Hoje, João Batista é uma das figuras referências do instituto que fez parte de praticamente toda sua vida, ao qual se dedica exclusivamente. É professor do curso de graduação em Comunicação Social (Jornalismo) e compartilha em sala de aula, além da sua experiência, as memórias de quem fez e continua fazendo história no casarão e na construção da identidade desse lugar que considera muito especial. Na festa de 50 anos do Casarão, lá está "O mesmo João de mais de 20 anos: dedicado aos alunos, a quem oferece conhecimento, mas em troca cobra empenho e seriedade."

"Ele tem o olhar atento dos inconformados. O olhar de quem não naturaliza injustiças. Flanar, para João Batista de Abreu, não é, exatamente, 'perambular sem destino'. Sempre foi, e seguirá sendo, dar destino ao caminhar."

(*) *Entrevistados e colaboradores desse texto: Flávia Clemente, Flavia Oliveira, Marcus Aurélio de Carvalho e Roberto Falcão; ex-alunos e colegas de João*

"Sinto muita honra e satisfação pelo fato de trabalharmos juntos, com a missão de formar o futuro da comunicação."

(Flávia Clemente)

"João é um tipo raro de flanador, nas pesquisas, nas análises, nas caminhadas. Ele tem o olhar atento dos inconformados. O olhar de quem não naturaliza injustiças. Flanar, para João Batista de Abreu, não é, exatamente, "perambular sem destino". Sempre foi, e seguirá sendo, dar destino ao caminhar."

(Marcus Aurélio de Carvalho)

"No mestrado, João foi meu orientador, mas isso ele sempre foi, como meu professor na graduação, depois como meu colega no próprio IACS e também na redação do Jornal do Brasil, que chegamos a frequentar juntos. Mas João não foi mentor somente meu, também inspirou toda aquela geração que chegava ao IACS no começo dos anos 1980 e as outras que lhe sucederam. Obrigado, João. Obrigado, amigo João."

(Roberto Falcão)

"Quem me abriu a primeira porta foi o João Batista. Eu sou muito grata a ele como professor, como referência e como alguém que dá oportunidades. Ele me deu oportunidade, enxergou em uma jovem negra do subúrbio o potencial para a carreira jornalística. Quem te abre a primeira porta é sempre inesquecível."

(Flávia Oliveira)

“Os tempos se misturaram na minha cabeça”

Por Alex Oliveira

Natural de Porto Alegre, o jornalista e atual diretor do IACS nos conta como foi a sua chegada e a relação com o casarão rosa. Graduado, pós-graduado e professor do IACS, Kleber Mendonça acredita que o nosso instituto precisa ser ainda mais unido.

Como você chegou ao IACS?

K.M.: Eu nasci em Porto Alegre, mas já morava em Niterói desde os 10 anos. Meu primeiro vestibular foi para Física, mas eu não me identificava com o curso. Quando decide mudar, estava entre História e Jornalismo, mas acabei preferindo o Jornalismo, onde entrei em 1990.

Como era o movimento estudantil na sua época?

K.M.: Aqui no IACS já havia pessoas engajadas politicamente na época, em geral para esquerda. A mobilização estu-

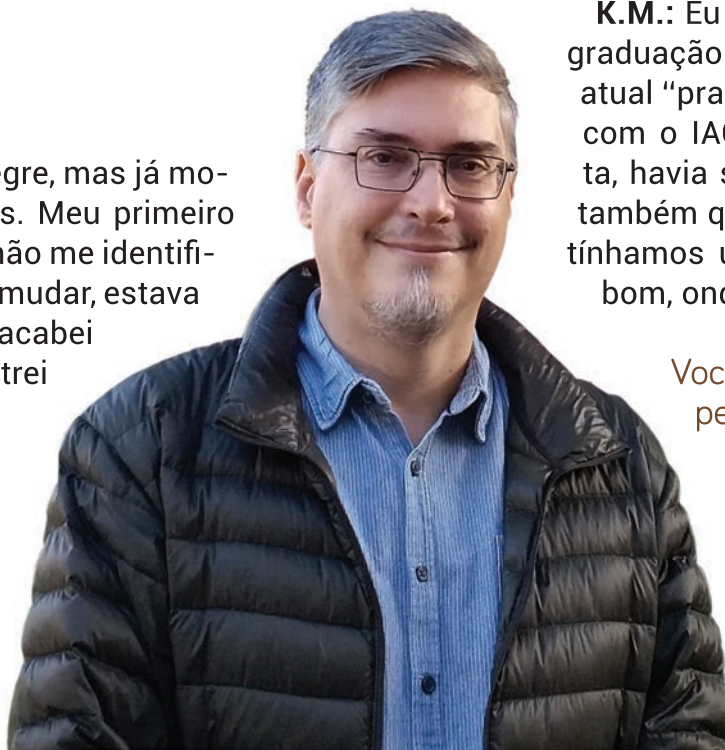
dantil se fazia presente dentro do instituto, onde os estudantes reivindicavam as suas pautas.

Qual lembrança você tem do IACS?

K.M.: Eu me lembro que na época da minha graduação havia uma quadra, onde hoje é a atual “praia”. A minha relação é muito afetiva com o IACS nesses anos. Como era coberta, havia shows, jogos e integração. Lembro também que ao lado tinha um bar e a sinuca, tínhamos um espaço de sociabilidade muito bom, onde os alunos se encontravam.

Você sempre teve interesse na área de pesquisa?

K.M.: Não, no começo eu queria atuar na área do Jornalismo, e comecei a estagiar cedo em assessoria de imprensa em órgãos públicos. A minha vocação profissional era ligada à assessoria de imprensa de órgãos públi-



cos, na questão de prestação de contas para a sociedade. Seis anos depois entrei para o mestrado aqui na UFF, onde realizei o meu doutorado também, ambos no PPGCOM.

“Tínhamos um espaço de sociabilidade muito bom, onde os alunos se encontravam”

Qual foi a sua sensação ao descobrir que seria professor da UFF?

K.M.: Eu fiquei feliz, foi muito engraçado. Eu estava acabando o doutorado, e passei primeiro como professor substituto. Foi uma sensação de satisfação, pois houve um momento em que eu estava dando aula e me lembrei que eu já tinha tido aulas naquele espaço. Os tempos se misturaram na minha cabeça, e eu passei a ser colega de professores que me deram aula na graduação, uma relação bastante afetiva.

“Eu gostaria de deixar o IACS mais unido do que é hoje, um legado não só de realizações físicas, mas também, que se torne um local com uma cultura de processo de gestão, onde as pessoas que fazem parte deste instituto se sintam pertencendo ao mesmo lugar”

E como diretor do instituto, qual é a sensação?

K.M.: É boa. O fato do IACS ser um espaço de Arte e Comunicação facilita o diálogo, onde alunos, professores e técnicos têm uma sensibilidade social. O IACS sempre foi um espaço de liberdade desde os anos 80, e foi muito bom ter vivido neste espaço do qual hoje faço parte como professor e diretor.

“O IACS sempre foi um espaço de liberdade desde os anos 80, e foi muito bom ter vivido neste espaço do qual hoje faço parte como professor e diretor”

Qual a contribuição que você quer dar ao IACS, como diretor e professor que se graduou e pós-graduou neste espaço?

K.M.: Eu gostaria de deixar o IACS mais unido do que é hoje, um legado não só de realizações físicas, mas também, que se torne um local com uma cultura de processo de gestão, onde as pessoas que fazem parte deste instituto se sintam pertencendo ao mesmo lugar. Pois há cinco departamentos diferentes e cada um com as suas especificidades. Além claro, da finalização da obra do novo IACS.

1.000 km entre o sonho e a realidade

Por Aline Azevedo Paula

Renan Marques Sanches, 19 anos, é um dos muitos estudantes que deixaram sua cidade natal e encontraram no IACS sua segunda casa. cursando o terceiro período de Publicidade e Propaganda, Renan veio para a UFF em 2017, deixando para trás amigos e família. Natural de Araçatuba, no interior de São Paulo, a aproximadamente 1.000 km de Niterói (16 horas de ônibus), Renan afirma que cursar Publicidade sempre foi um sonho. Hoje, entende que está vivendo o que sempre sonhou e que valeu a pena deixar tudo para trás.

Por que você quis fazer Publicidade na UFF de Niterói?

R.S.: Publicidade sempre foi o curso que eu queria fazer, eu não tinha certeza se era o que eu realmente deveria fazer, mas sempre foi uma vontade que eu tive.

Por que não deveria fazer?

R.S.: Porque não é Medicina e Engenharia, então ficava indeciso porque a minha família queria que eu fizesse Direito e tudo mais. Mas eu sempre gostei muito de Publicidade e as pessoas que me conheciam sempre me falavam que era uma

coisa que combinava muito comigo. Então eu sempre tive essa vontade e aí só no final do 3º ano que eu fui decidir que eu iria seguir o que eu sempre quis e, bom, como eu sou de muito longe, a UFF não foi a minha primeira opção. Eu queria fazer USP, mas eu não passei, aí pelo SISU eu acabei escolhendo a UFF. Porque Publicidade normalmente não tem aqui no sudeste nas públicas, uma coisa que eu acho muito estranha. Mas a maioria era tipo no Mato Grosso ou no Nordeste, sabe? Então aqui foi o mais perto que eu achei da minha cidade. Era aqui ou no Paraná.

Como foi chegar numa cidade nova, em que você não conhecia ninguém e se adaptar nos primeiros dias?

R.S.: Minha mãe veio para cá antes, fazer a minha inscrição, então ela conheceu um pouquinho a Cantareira, o bairro aqui. Quando cheguei, eu tinha a minha mãe para me guiar, mas a gente estava perdido. A gente é bem do interior e a cidade em si é muito diferente da minha, lá



os bairros são todos quadradinhos e aqui é todo esse esquema louco, enfim. Mas a partir do trote, do primeiro dia do trote, eu já fiz amigos muito bons e que me ajudaram em tudo. Então em uma semana eu já conhecia tudo e estava super tranquilo.

Como foi para você esse acolhimento, não só do trote mas do próprio instituto, do corpo docente e de todos que compõe o IACS? Como foi ser recebido em um lugar novo?

R.S.: Eu fui acolhido muito bem e muito rápido. Principalmente porque quando a minha mãe veio aqui pela primeira vez ela fez amizade com uma funcionária da secretaria. A gente estava com duas malas gigantes e não tinha onde deixar, porque eu não tinha nem escolhido onde iria morar ainda, não tinha nem visitado as repúblicas. E aí a moça deixou a gente colocar na sala dela aqui no IACS, foi a maior loucura. De resto, eu fui muito bem acolhido por todo mundo. Os professores sempre acham muito legal eu ter vindo de longe, sempre perguntam.

E o que você acha da estrutura do IACS em relação ao que você esperava? Confirmou as suas expectativas?

R.S.: Por mais que a estrutura do IACS não seja perfeita, ela excedeu as minhas expectativas. Eu esperava ter dois computadores aqui, sabe? Eu realmente não esperava grande coisa porque eu sei da realidade das faculdades públicas, mas eu me surpreendi muito. Tudo bem que é um pouco complicado sim, mas é muito melhor do que eu achava. Então a gente tem um estúdio, a gente tem as câmeras. É pouco? É pouco, mas a gente tem. Então para mim já foi uma surpresa e foi bem bom.

Como são as aulas do curso para você? Você sente que consegue se preparar para o mercado?

R.S.: Eu acho que agora a gente tem uma base muito boa para o mercado. A gente tem matéria para criar uma marca e tudo mais. É meio complicado porque a gente foi desperiodizado com a entrada do novo currículo, então faço matérias do primeiro e segundo período estando no terceiro. Mas eu sinto que assim que eu conseguir passar por essa fase de arrumar um currículo dentro do outro, vai ficar bem melhor.

Em relação a achar repúblicas aqui, como foi para você?

R.S.: Antes de vir para cá eu olhei em todos os grupos do Facebook, eu marquei visita em cinco repúblicas diferentes, mas não tive a oportunidade de visita-las antes de vir pra cá. Cheguei em cima da hora, às 7 da manhã, e tive que decidir onde iria dormir. Visitei todas as repúblicas em um dia e acabei não ficando em nenhuma que eu tinha visto no Facebook. Um funcionário aqui do IACS me recomendou outra, eu visitei e acabei ficando lá.

Qual experiência você acha que mais marcou, relacionada ao IACS?

R.S.: Eu acho que foi o trote, realmente. Eu cheguei perdido, sem conhecer ninguém, e depois de uma semana estava dormindo na casa da minha madrinha, sabe? Eu tive vários amigos que eram calouros aqui na UFF, mas que vieram de outras faculdades, UERJ, UFRJ, e eles me adotaram.

Mais do que black power: “Estava com a cabeça diferente”

Por Thaís Marques

Desde agosto de 2017, Spartakus Santiago, 23 anos, publicitário formado pela UFF, vem conquistando sucesso “descomplicando textões” com seus vídeos na internet. O canal no YouTube, intitulado por seus nome e sobrenome, tem quase 53 mil inscritos, tratando de assuntos próximos às suas experiências como homem negro, nordestino e LGBT. Numa entrevista feita por chamada de vídeo, algumas interrupções de conexão não foram suficientes para impedir sorrisos e simpatia ao lembrar do período em que estudou no instituto, entre 2012 e 2016. Spartakus mostra a história comum de um estudante que, para além da academia, continua um caminho de luta nascido entre as paredes rosas do nosso casarão.

Sabendo que você foi nascido e criado na Bahia, como e por que escolheu vir à Niterói e cursar Publicidade na UFF?

S.S.: Eu morava na Bahia e lá a gente tem poucas opções. Eu ia fazer Di-

reito porque não tinha nenhuma faculdade de Publicidade pública na Bahia. Fiz um vídeo na internet que começou a bombar e meus amigos me falaram que eu era criativo, que tinha talento para publicidade. Como só tinha esse curso no Sudeste, falei: “então vou tentar ir para lá”. A única universidade que consegui fazer para Publicidade foi a UFF e passei através da prova de vestibular. Comecei a estudar no IACS em 2012.1, mas passei em 2011.

Hoje, abordando o racismo, a LGBTfobia e demais assuntos críticos, reconhece alguma contribuição vinda da sua formação no IACS?

S.S.: Eu acho que quando entramos na universidade federal, nós acabamos tendo contato com vários pensamentos diferentes, saímos da nossa caixa-nha. Quando cheguei à UFF, vim com a mente pequena. Não era assumido ainda, tinha inúmeros preconceitos... E assim, a gente vai se desconstruindo. Acho que é um papel que vem mais



até do ambiente do que das aulas em si. Interagir com as pessoas do IACS, com mentes mais abertas, acaba fazendo com que você se abra para novos conceitos e possa se despir de preconceitos.

Tente nos contar uma memória do Spartakus que entrou no IACS e outra do que completou seus estudos. Enxerga alguma diferença entre os dois?

S.S.: Eu lembro que no meu primeiro período, saindo do bandeirão, vi dois garotos, um casal gay, se beijando na rua. Fiquei com nojo, porque eu era de uma cidade pequena e lá, apesar de eu ser gay, aprendi que qualquer coisa relacionada à homossexualidade era repugnante. Não esqueço nunca aquela cena, pois mostra como a homofobia estava dentro de mim. Acabei de chegar à universidade e vi dois homens se beijando, fiquei chocado. Como assim eles fazem isso à luz do dia? Porque na minha cidade da Bahia isso nunca aconteceria.

Agora, se for para lembrar de uma cena no final da faculdade, apesar de não ficarmos muito no IACS nesse período, me recordo da formatura, onde tentei colocar o chapéu e não consegui por causa do meu black power, que antes não existia. Entrei com a cabeça raspada, não tinha esse cabelo empoderado. Durante a faculdade fui descobrindo que não precisava raspá-lo, nem achar feio. Aí eu vi que era outro Spartakus, entendeu? Já tinha passado por muita coisa. Estava com a cabeça diferente, literalmente, porque agora ela está com cachos maravilhosos! (sorri, colocando as mãos no cabelo)

Sobre os projetos que acontecem no instituto, tanto de pesquisa como rodas de conversa etc, chegou a participar de algum? Caso não, como via essas movimentações?

S.S.: Participei de muitos, porque era uma pessoa louca de querer aproveitar oportunidades (risos). Entrei na UFF e pensei: "tenho que aproveitar tudo!" Lembro que no primeiro período, estava até sobrecarregado de tantas atividades com que havia me comprometido. Eu fiz parte do Daco (Diretório Acadêmico de Comunicação), foi uma das primeiras eleições em muito tempo e minha chapa ganhou, a Renova Comunicação. Nós revolucionamos aquele IACS (risos). Isso foi em 2012, já cheguei tocando o terror!

Também ajudei a criar a atlética. A logo da AACs (Atlética de Arte e Comunicação Social) que existe hoje foi criada por mim. É um orgulho, porque a Atlética mudou muito, eu ajudei a construí-la e hoje em dia ela possui um discurso feminista, anti-LGBTfobia, coisas que não estavam presentes na época em que a criei junto a Larissa, presidente nesse período. É muito legal ver essa direção que está tomando. Eu fiz parte da agência júnior, que hoje não existe mais. Fiquei um tempinho lá e tentei aproveitar ao máximo como pessoa que estuda no IACS.

Como foi sua participação na Expocom – Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação - durante o período em que estudou na UFF? Os professores incentivavam a participação de alunos nos eventos desse tipo?

S.S.: Sentia um incentivo sim, principalmente como uma forma de reconhecimento, através dos trabalhos que fa-

zíamos em aula. Tive, se eu não me engano, três trabalhos que foram indicados ao Expocom regional e um deles ganhou. Acho algo incrível, é legal ter essa plataforma para que a gente possa pegar o que fez em sala de aula e levar a outro espaço para ser melhor valorizado, fazer crescer e tudo mais.

Eu tive um projeto que era um elevador interativo. Estavam preparando o Seminário de Mídia e Cotidiano e nós queríamos fazer a divulgação do evento. Os temas do evento eram linguagem, poder e comunicação participativa, fizemos esse elevador interativo onde as pessoas podiam comentar, postar, escrever coisas na parede do elevador... Como se fosse uma cidade mesmo, sabe? Grafite e tal... E acabava que o ambiente virava uma grande cidade, que era a voz de todo mundo que passava por lá. E com isso nós ganhamos o regional. Fiz esse trabalho junto com a Camilla Brito. Os outros, que também foram indicados, desenvolvi em relação à Atlética, como a criação do mascote. Teve, também, um filme que fiz para uma disciplina sobre a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, falando sobre o uso da camisinha e tudo mais.

Sendo negro, nordestino e LGBT já sofreu alguma forma de opressão no período em que estudava na UFF?

S.S.: O IACS, para todo mundo, inclusive eu, era um pouquinho estranho. Não é "padrãozinho", é um lugar acolhedor. A gente sentia que era um espaço mais em casa. Então era o contrário, fora de lá é que sentíamos isso tudo (opressão). O IACS era aquela casa rosa, onde todo mundo podia ser estranho, estava tudo bem, enfim... Adorava estar lá por causa

disso. Mas o que sentia mais era, por exemplo, quando ia a uma choppada de Engenharia. Eu tentava ser hétero e o padrão de beleza que as pessoas procuram numa festa não é um cara negro, só se for um bombado, "negão", que é objetificado. Então, eu sentia mais isso em outros cursos, eventos... O IACS conseguia ser um oásis para a gente fugir do preconceito.

Como era o IACS na sua época? Havia alunos negros ou eram minoria?

S.S.: O IACS era majoritariamente branco, porque mesmo sendo uma instituição pública, as pessoas que estão melhor preparadas vêm das escolas particulares, e são brancas porque são as que possuem maior poder aquisitivo. Por isso, a maioria do IACS era sim branco, não só lá, mas também no Gragoatá e em todos os outros *campi*. Os pretos eram minoria, sim, eu lembro que éramos eu, Camilla... Sei lá, menos da metade da sala, mas faz parte. Nós tivemos um momento de cotas no Brasil, ainda está ocorrendo, na verdade, que está tentando mudar esse cenário. Espero que agora esteja melhor, mas na minha época ainda éramos minoria.

Qual característica melhor conceituaria o IACS para você, levando em consideração o que ele significou na sua vida?

S.S.: Sendo bem sincero, diversão. O IACS foi inesquecível, cara. Primeiro de tudo porque você faz amizades, e depois, por mudar sua cabeça. Cheguei no IACS e era outra pessoa. Lá era um lugar incrível, porque enquanto aprendia muitas coisas, também enxergava o mundo de outro jeito.

Havia muitas festas, você conhecia pessoas novas, que mudavam seus conceitos. A liberdade para mim era a coisa mais marcante, poderia também ser outra palavra que descreveria o IACS, pois você tinha contato com pessoas de cabeças tão livres, que acabava desconstruindo a sua própria.

Fale a melhor lembrança como estudante no IACS e a de agora, como youtuber. Consegue estabelecer uma ligação entre elas?

S.S.: Não vai ter nada a ver com o que eu estava falando, mas a cena mais marcante para mim foi quando ganhei como melhor torcida no JUCS (Jogos Universitários de Comunicação Social). Eu fui com a Atlética para Vasouras-RJ, foi muito bom, estava com meus amigos. Nós investimos tempo e um esforço enormes em algo que foi recompensado. Foi incrível, muita emoção! Sempre vai ser para mim a experiência mais inesquecível. Não tem nada a ver com empoderamento, com negritude, mas enfim.

Fui convidado, antes de vir a Nova Iorque, a dar uma palestra na Coca-Cola. Eu pude falar sobre a representatividade, que sempre falo nos meus vídeos; falar da ausência de negros e de como é importante sermos representados na propaganda, sobre o cabelo crespo, nossos traços... E assim... Você vê uma gigante do capitalismo dar espaço para mim, sendo "o garoto de Humanas", lá da federal, para poder falar isso num palco, para todos os funcionários. As pessoas me ouvindo, minha palestra foi a mais cheia. Isso eu acho muito importante, não falando como uma forma de inflar o ego, do tipo "eu palestrei na Coca-Cola", mas no sentido de que há esperança. Estamos começando a ter mais voz. Quando fui chamado lá, eu senti isso.

Os dois acontecimentos foram vitórias que não representavam só a mim, representavam toda a comunidade na qual eu estava inserido. No JUCS, estava comemorando a vitória da galera do IACS, porque fomos lá para ganhar como melhor torcida, gritar, torcer o máximo. A gente ganhou aquele troféu gritando. E agora, eu tenho visibilidade, vou nesses programas dando palestras, então também estou aí falando em nome de uma comunidade, na verdade as comunidades negra e LGBT. Também gritando, pois agora vou lá e falo nos meus vídeos do YouTube, e essa voz também faz com que eu tenha essas conquistas.

Qual característica seria um diferencial para o IACS do futuro se mostrar melhor?

S.S.: Um IACS mais preto. Hoje ele já é mais livre em relação a questões LGBT, mas pode ser mais. Um IACS menos machista, porque, assim como em todo lugar, existe isso. Mesmo esse não sendo meu lugar de fala, acho bom lembrar. E o mais importante de tudo, um IACS com estrutura, porque a que existe é muito porca. A gente estudava em sala que não tinha ar condicionado, carteira quebrada... Dali saem pessoas que podem mudar o país, não estou falando de mim, mas partem de lá grandes comunicadores, publicitários, jornalistas... Pessoas que estão estudando num local onde não há uma mínima estrutura básica, acho isso um absurdo. Era assim na minha época, continua sendo. O novo IACS até hoje não foi entregue. Isso é jogar nossa educação no lixo, algo deveria ser feito em relação a isso, é o maior problema.

“Pesquisar memes é coisa séria”

Por Jessyca Fonseca

Viktor Chagas integra o Departamento de Estudos Culturais e Mídia desde 2010. Atualmente é professor do curso de graduação em Estudos de Mídia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Em nossa conversa, ele contou que antes de se tornar professor não tinha nenhuma relação com o instituto e afirmou que essa falta de um histórico progressivo é uma das maiores fontes de carinho que tem pelo IACS.

O que mudou ou como foi construída a sua visão do instituto depois que virou professor?

V.C.: Como cheguei ao instituto sem saber o que esperar, não posso dizer exatamente que mudei minha visão. Mas é claro que os anos como docente nos permitem um amadurecimento rápido e fundamental para o exercício do magistério e da pesquisa. A complexidade das dimensões do instituto, a quantidade de cursos e alunos alcançados, e sobretudo o período à frente da coordenação de curso de Estudos de Mídia me trouxeram uma visão de conjunto absolutamente primordial para entender

a formação que proporcionamos e o papel social que desempenhamos. A partir daí enxerguei a importância das atividades de extensão e divulgação científica, o papel da iniciação científica e da inovação tecnológica na universidade, e muito mais.

Qual a especificidade do curso de Estudos de Mídia dentro da área da Comunicação? E como se articula com os outros cursos de Comunicação?

V.C.: O curso de Estudos de Mídia se inscreve na área das Ciências Sociais Aplicadas como um bacharelado que prioriza uma visão abrangente do processo comunicacional, sem distinções habilitacionais, e com ênfase na investigação sobre as relações entre mídia, cultura e sociedade, no desenvolvimento de produtos e projetos que experimentam diferentes linguagens midiáticas e na gestão da mídia de forma geral. É uma graduação independente, com duração média de quatro anos, e que preza pela autonomia do aluno na conformação da sua grade curricular, pois o curso apresenta um conjunto bastante extenso de disciplinas optativas



que podem ser combinadas pelo aluno. A carga de disciplinas obrigatórias é bastante pequena, e, por isso, cada formando em Estudos de Mídia pode ter um perfil profissional único, de acordo com suas escolhas ao longo do curso, dos games às mídias sociais e comunidades virtuais, do marketing à produção audiovisual e fonográfica, dos estudos culturais à fotografia.

Como foi a experiência de ser coordenador e professor do curso de Estudos de Mídia?

V.C.: Foi uma experiência bastante positiva de contato cotidiano com os alunos. É um período de muito aprendizado, especialmente para o docente, que passa a servir como conselheiro em muitos casos. Atender às demandas dos alunos e suplantar a temporalidade e as idiosincrasias institucionais nem sempre é fácil. Mas posso afirmar, com absoluta certeza, de que contribuimos o máximo possível para que o curso se valorizasse bastante nos últimos anos e alcançasse a posição de destaque que ocupa hoje no instituto, com muito trabalho e dedicação.

Quais lembranças você tem de quando era aluno na relação de interesse com o assunto “política”. E hoje sendo professor você percebe alguma mudança no corpo de discentes com relação a este tema?

V.C.: Uma coisa que se sustenta ao longo de todo esse tempo é o fato de que são poucos os alunos que se interessam por discutir de forma mais aprofundada a comunicação política. Isso porque a política de forma geral, especialmente a compreensão que temos dela e dos políticos a partir do senso comum, costuma nos afastar desse tema. Eu sempre gostei

de discutir teoria política, sempre gostei de acompanhar o noticiário, mas gosto ainda mais de discutir a política a partir de uma perspectiva cultural e econômica. Quem são as pessoas que fazem política, como elas fazem, por que razões, que interesses estão em jogo. Esse tipo de discussão me motivou a buscar uma especialização no campo desde a iniciação científica na graduação, e mais adiante mesmo no mestrado e no doutorado, que, embora tenham sido na área de história, têm uma peculiaridade bastante curiosa, já que meu programa de pós-graduação na época, havia sido fundado por sociólogas, e eu mesmo era orientado por um cientista político. Assim, a interdisciplinaridade sempre fez parte da minha trajetória acadêmica. Acho que hoje os alunos conseguem perceber melhor essa interdisciplinaridade. E, hoje, dada a penetração do noticiário político nas mais diversas camadas sociais, a discussão política está paulatinamente ganhando amplitude e interesse.

Em tempos tão sombrios na política, como é para você produzir textos que discorrem sobre este assunto que é tão profundo e ao mesmo tempo complicado tendo sempre a essência humorística/satírica dos memes?

V.C.: Os memes ajudam a tornar o ofício menos doloroso e mais divertido, sem dúvida. Mas minha pesquisa se alinha com esta percepção de que há cada vez mais gente entrando no debate político. Há muitas pessoas que, antes, não tinham acesso a esse noticiário, e hoje, mesmo que através dos memes, isto é, de um conteúdo, à primeira vista, superficial, se aproximam dessa discussão. Tentar entender quais os efeitos disso é a minha ordem do dia. Então, pesquisar memes é coisa séria.

Créditos

EQUIPE DE PRODUÇÃO 50 ANOS

Núcleo de Comunicação Institucional e Cultura

Funcionários

Amanda Wanis Teixeira
Mariana Pietrobon
Ubirajara Leal

Alunos (bolsistas e estagiários)

Kaio Klinsman
Lídia de Oliveira
Mariana Silva
Tito Guedes
Waleska de Almeida

Criação do Selo Comemorativo IACS 50 anos

Ildo Nascimento

Criação da Logomarca dos 50 anos

Pablo Rossi (Ceart UFF)

Criação da Identidade Visual e Design

Ubirajara Leal

DIRETORES DO IACS

1968/1970

Hagar Espanha Gomes

Vice: Fernando Barreto

1971/1974

Álvaro Sobral Barcelos

Vice: Dyrse Barreto Taveira

1975/1978

Antonio Sérgio Mendonça

Vice: Roberto Duarte (Babau)

1979/1982

José Pedro Pinto Esposel

Vice: José Carlos Abreu Teixeira

1983/1986

Dyrse Barreto Taveira

Vice: Álvaro Sobral Barcelos

1987/1990

Antonio do Amaral Serra

Vice: José Marinho de Oliveira

1990/1994

José Maurício Saldanha Alvarez

Vice: Moacy Cirne

1995/1999

Ana Maria Lopes Pereira

Vice: Alceste Pinheiro

1999/2001

Sérgio Santeiro

Vice: Moacy Cirne

2001/2002

Moacy Cirne

2003/2006

Antônio do Amaral Serra

Vice: José Maurício Saldanha Alvarez

2007/2011

Mara Eliane Fonseca Rodrigues

Vice: João Batista de Abreu

2012/2015

Leonardo Caravana Guelman

Vice: Carlos Marcondes

2015/2016

Carlos Marcondes

2016/2020

Kleber Santos de Mendonça

Vice: Flávia Clemente de Souza

CHEFIAS DE DEPARTAMENTO**GAT**

Lucia Maria Pereira Bravo
Sub-chefe: Luiz Carlos de Mendonça

GCI

Margareth da Silva
Sub-chefe: Esther Hermes Luck

GCO

Guilherme Nery Atem
Sub-chefe: Danielle Ramos Brasileira

GCV

Karla Holanda de Araújo
Sub-chefe: Cezar Ávila Migliorin

GEC

Carla Fernanda Pereira Barros
Sub-chefe: André Luís dos Santos Queiroz

COORDENAÇÕES**Graduação****Arquivologia**

Clarissa Moreira dos Santos Schmidt
Vice: Renato de Mattos

Arte

Hélio Jorge Pereira de Carvalho

Biblioteconomia e Documentação

Julietti de Andrade
Vice: Fátima Auxiliadora de Souza Justiniano

Cinema e Audiovisual - Bacharelado

Elianne Ivo Barroso
Vice: Antônio Carlos Amancio da Silva

Cinema e Audiovisual - Licenciatura

João Luiz Leocádio da Nova
Vice: Aida Maria Bastos Marques

Comunicação Social - Publicidade e Propaganda

Adilson Vaz Cabral Filho
Vice: Felipe Pena de Oliveira

Estudos de Mídia

Mayka Juliana Castellano Reis
Vice: Ariane Diniz Holzbach

Jornalismo

Larissa de Moraes Ribeiro Mendes

Vice: Carla Baiense Félix

Produção Cultural

Marina Bay Frydberg

Vice: Neide Aparecida Marinho

Pós-Graduação

PPGCI - Ciência da Informação

Ana Célia Rodrigues

Vice: Vitor Manoel Marques da Fonseca

PPGCine - Cinema e Audiovisual

João Luiz Vieira

Vice: Mariana Baltar Freire

PPGCOM - Comunicação

Fernando Antônio Resende

Vice: Felipe da Costa Trotta

PPCULT - Cultura e Territorialidades

Ana Lúcia Silva Enne

Vice: Flávia Lages de Castro

PPGCA - Estudos Contemporâneos das Artes

Beatriz Cerbino

PPGMC - Mídia e Cotidiano

Denise Tavares da Silva

Vice: Renata Rezende Ribeiro

PROFESSORES DO IACS (2018)

Departamento de Artes (GAT)

Andrea Copeliovith

Flávia Lages de Castro

Gilberto Schmutz Gouma

Giuliano Lambertu Obici

Guilherme Werlang da Fonseca Costa do Couto

Helio Jorge Pereira de Carvalho

Ítalo Bruno Alves

João Luiz Pereira Domingues

Jorge Ricardo Freund

Leonardo Caravana Guelman

Lucia Maria Pereira Bravo

Luciano Vinhosa Simão

Luiz Augusto Fernandes Rodrigues

Luiz Carlos Carmo de Mendonça

Luiz Guilherme de Barros Falcão Vergara

Luiz Sérgio da Cruz de Oliveira

Maria Alice Chaves Nunes Costa

Maria Teresa Mattos de Moraes

Marina Bay Frydberg

Martha de Mello Ribeiro

Neide Aparecida Marinho

Pierre Georges Gabriel Crapez

Pretextato Taborda Junior

Ricardo Roclaw Basbaum

Tania Cristina Rivera

Viviane Furtado Matesco

Wagner Morgan de Almeida

Wallace de Deus Barbosa

Departamento de Ciência da Informação (GCI)

Ana Célia Rodrigues
 Carlos Henrique Marcondes de Almeida
 Clarissa Moreira dos Santos Schimidt
 Elisabete Gonçalves de Souza
 Esther Hermes Luck
 Fátima Auxiliadora de Souza Justiniano
 Jacqueline Ribeiro Cabral
 Joaci Pereira Furtado
 Joice Cleide Cardoso Ennes de Souza
 Julietti de Andrade
 Lídia Silva de Freitas
 Linair Maria Campos
 Marcia J. Bossy
 Margareth da Silva
 Maria Luiza de Almeida Campos
 Michely Jabala Mamede Vogel
 Raquel Luise Pret Coelho
 Regina de Barros Cianconi
 Renato de Mattos
 Rodrigo de Sales
 Rosa Inês de Novais Cordeiro
 Rosimere Mendes Cabral
 Sandra Lucia Rebel Gomes
 Vitor Manoel Marques da Fonseca

Departamento de Comunicação Social (GCO)

Adilson Vaz Cabral Filho
 Alexandre Farbiarz

América Soares Cupello
 Ana Paula Bragaglia
 Andréa Hecksher Pacheco
 Andrea Meyer Landulpho Medrado
 Carla Baiense Félix
 Danielle Ramos Brasiliense
 Denise Tavares da Silva
 Edney Clemente de Souza
 Eduardo Alberto de Souza Varela
 Eduardo Guerra Murad Ferreira
 Felipe Pena de Oliveira
 Fernanda Ferreira Abreu
 Flávia Clemente de Souza
 Geisa Rodrigues Leite da Silva
 Guilherme Bento de Lima
 Guilherme Nery Atem
 Helen Pinto de Britto Fontes
 João Batista de Abreu
 Larissa de Moraes Ribeiro Mendes
 Lena Benzercry
 Lílian Soares Pinto de Souza Ribeiro
 Luana Ellen de Sales Inocência
 Luiz Edmundo de Castro
 Márcio de Souza Castilho
 Marco Andre Feldman Schneider
 Pablo Nabarrette Bastos
 Patrícia Gonçalves Saldanha
 Rachel Bertol Domingues
 Renata de Rezende Ribeiro
 Rômulo Normand Côrrea

Departamento de Cinema e Vídeo (GCV)

Aida Maria Bastos Marques
Antonio Carlos Amancio da Silva
Antonio do Nascimento Moreno
Cezar Ávila Migliorin
Daniel Moreira de Sousa Pinna
Douglas Mosar Morais Resende
Elianne Ivo Barroso
Eliany Salvatierra Machado
Fabían Rodrigo Magioli Núñez
Fernando Morais da Costa
Hadija Chalupe da Silva
India Mara Martins
João Luiz Leocádio da Nova
João Luiz Vieira
Karla Holanda de Araújo
Maria Heloísa Pereira Toledo Machado
Mariana Baltar Freire
Mauricio de Bragança
Marina Tedesco
Rafael de Luna Freire
Reinaldo Cadernuto Filho

Departamento de Estudos Culturais e Mídia (GEC)

Afonso de Albuquerque
Ana Lúcia Silva Enne
André Luís dos Santos Queiróz

Antonio Ribeiro de Oliveira Junior
Ariane Diniz Holzbach
Beatriz Brandão Polivanov
Bruno Roberto Campanella
Carla Fernanda Pereira Barros
Eleonora de Magalhães Carvalho
Emmanoel Martins Ferreira
Felipe da Costa Trotta
Fernando Antônio Resende
José Benjamin Picado Sousa e Silva
Kléber dos Santos de Mendonça
Marco Antonio Roxo da Silva
Maria Paula Sibília
Marildo José Nercolini
Mayka Juliana Castellano Reis
Miguel Furtado Freire da Silva
Renata Cristina de Oliveira Tomaz
Simone Maria Andrade Pereira de Sá
Thaiane Moreira de Oliveira
Viktor Henrique Carneiro de Souza Chagas

FUNCIONÁRIOS DO IACS (2018)

Aderaldo Ferreira de Souza Filho
Admilson de Lima Nascimento
Adriane da Silva Gadelha
Alessandro Patricio da Silva
Amalia da Hora

Amanda Wanis Teixeira
Ana Beatriz Fernandes Cerbino
Ana Paula Pereira de Almeida
Antonio Ribeiro de Oliveira Junior
Barbara Ferreira Couto
Beatriz de Resende Chamberlini
Belinda Gomes Taranto
Bruno Azevedo Quintino
Bruno Pacheco de Oliveira
Brunno Santos Monteiro Magalhães
Carloman de Moraes Borges
Carlos Alberto Canano Carvalho
Carlos Antonio Braz Gonçalves
Carlos Eduardo Moura Marcellino
Claudio José Lousada de Sousa
Clay Fazzioni de Melo
Cleyson Vicente dos Santos
Cristina Helena de Souza
Daniel Reis Romero de Souza
Denise Pereira de Carvalho Cataldo
Dulce Maria de Oliveira Guimarães
Edson Luiz da Silva
Eduardo Fernandes da Silva
Elaine R. da Costa
Felipe de Gouveia Peixoto Alves
Fernando Lima e Silva
Francisco Taranto Neto
Janaina Santos Dias
João Gilberto de Sant´anna Vasconcelos

João Luiz Marins Ferreira
Jorge Paulo C. de Valejo
José Lauro de Oliveira Pereira
José Mauricio Machado Bogado
Josué Gomes dos Santos
Juliana Santos Dias
Layana Cristina Lourenço de Azevedo
Luiz Edmundo de Castro
Luiza Toledo Regadas
Marcus Vinicius Rodrigues Lima Antunes
Mariana Almeida e Costa
Neide A. Marinho
Nilson Paulino Chagas dos Santos
Paulo César de Jesus Souza
Paulo José Tavares de Azeredo
Pedro Fernando Domingues Lobo
Raphael de Mendonça
Reginaldo Heraclio Marques
Renata Cristina Rolão Abranches
Rodrigo da Silva Dutra
Rosa Cabral Pinto
Rubem Geraldo de Paula Netto
Silvia Regina Nogueira
Tereza Cristina Nascimento Machado
Thales Alberto Freitas Paixão
Tiago Moço de Souza
Ubirajara dos Santos Leal
Vera Maria Galvão do Rio do Rio
Verônica de Souza Bonfim Pinheiro

Universidade Federal Fluminense

Reitor

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

Vice-Reitor

Fabio Barboza Passos

Instituto de Arte e Comunicação Social

Diretor

Kleber Santos de Mendonça

Vice-Diretora

Flávia Clemente de Souza

Comissão Interdepartamental para os 50 anos do Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS)

Presidente

Kleber Santos de Mendonça, *Diretor do IACS*

Professores

João Domingues, *Departamento de Arte (GAT)*

Luiz Guilherme Vergara, *Departamento de Arte (GAT)*

Luiz Mendonça, *Departamento de Arte (GAT)*

Michely Jabala Mamede Vogel,

Departamento de Ciência da Informação (GCI)

Rosa Inês de Novais Cordeiro,

Departamento de Ciência da Informação (GCI)

Vitor Fonseca, *Departamento de Ciência da Informação (GCI)*

Flávia Clemente, *Departamento de Comunicação Social (GCO)*

Ildo Nascimento, *Departamento de Comunicação Social (GCO)*

João Luiz Vieira, *Departamento de Cinema e Vídeo (GCV)*

Tunico Amâncio, *Departamento de Cinema e Vídeo (GCV)*

André Queiroz, *Departamento de Estudos de Mídia (GEC)*

Antônio Jr, *Departamento de Estudos de Mídia (GEC)*

Beatriz Polivanov, *Departamento de Estudos de Mídia (GEC)*

Funcionários

Bruno Pacheco, *Departamento de Comunicação Social (GCO)*

Ubirajara Leal, *Núcleo de Comunicação Institucional e Cultura (NCIC)*

Discentes

José Lucas Aguilera Cardoso, *curso de Produção Cultural*

Kaio Klinsman, *curso de Comunicação Social*

Mariana Bastos de Freitas, *curso de Arquivologia*



2018
anos